



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE UNB PLANALTINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEIO AMBIENTE E
DESENVOLVIMENTO RURAL (PPG-MADER)
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

EDINÉIA ALVES CRUZ

CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS E EDUCAÇÃO DO CAMPO NO
ESPAÇO-TEMPO DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA COLETIVA
NA ESCOLA PARQUE DA NATUREZA DE BRAZLÂNDIA

BRASÍLIA-DF

2023

EDINÉIA ALVES CRUZ

**CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS E EDUCAÇÃO DO CAMPO NO
ESPAÇO-TEMPO DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA COLETIVA
NA ESCOLA PARQUE DA NATUREZA DE BRAZLÂNDIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Educação do Campo da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação do Campo.

Orientador: Felipe Canova Gonçalves

BRASÍLIA-DF

2023

RESUMO

Esta pesquisa qualitativa de cunho (auto)etnográfico crítico intenciona dialogar sobre a Coordenação Pedagógica Coletiva na Escola Parque da Natureza de Brazlândia - EPNBraz como espaço-tempo de construção identitária de Educadores do Campo, no contexto de implementação da modalidade de ensino Educação do Campo, instituída pela Portaria da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal nº 419/18. Constituído por meio de uma oficina de escrita criativa, denominada (A)colhimento de escritas de si, que abordou, com os sujeitos que constituem e dinamizam o campo de pesquisa, as relações entre construção identitária, pressupostos e princípios da Educação do Campo e possibilidades (trans)formativas da Coordenação, o *corpus* foi analisado com foco nos aspectos discursivos marcados pelo léxico e pelos processos de significações para construção de sentido, visto que os diálogos foram propostos nas interfaces política e ontológica da Educação do Campo, com a Sociolinguística Interacional e a Análise do Discurso Crítica, com fundamentação teórica em Bortoni-Ricardo, 2004/2011; Caldart, 2011/2018/2020; Fairclough, 2001; Foucault, 1983; Silva, 2018; Silva, Hall e Woodward, 2014; e Sousa, 2011, entre outros.

Palavras-chave: Coordenação Pedagógica Coletiva. Construção identitária. Educação do Campo. Escrita de si. Sociolinguística Interacional. Análise Crítica do Discurso.

ABSTRACT

This qualitative (auto)ethnographic critical research intends to dialogue about the Collective Pedagogical Coordination at Escola Parque da Natureza de Brazlândia - EPNBraz as a space-time of identity construction of Educators of Rural Areas, in the context of implementation of the teaching modality Education for Rural Areas, instituted by Ordinance of the State Department of Education of the Federal District nº 419/18. Constituted by means of a creative writing workshop, called Carefull reception of self-writing, that approached, with the subjects that constitute and dynamize the research field, the relations between identity construction, assumptions and principles of Education for Rural Areas and the (trans)formative possibilities of Coordination, the *corpus* was analyzed focusing on discursive aspects marked by the lexicon and the processes of meanings for semantic construction, because the dialogues were proposed in the political and ontological interfaces of Education for Rural Areas, with Interactional Sociolinguistics and Critical Discourse Analysis, with theoretical foundation in Bortoni-Ricardo, 2004/2011; Caldart, 2011/2018/2020; Fairclough, 2001; Foucault, 1983; 2016; Silva, 2018; Silva, Hall and Woodward, 2014; and Sousa, 2011, among others.

Keywords: Collective Pedagogical Coordination. Identity construction. Education for Rural Areas. Interactional Sociolinguistics. Critical Discourse Analyses.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** - O circuito de cultura, segundo Paul du Gay et al. (1997) *apud* Woodward (2014)25
- Figura 2** - O circuito de cultura, segundo Paul du Gay et al. (1997) *apud* Woodward (2014), centrado no texto autoral - modificação realizada pela autora deste trabalho.....28
- Figura 3** - Nuvem de palavras (a)colhidas na tempestade de ideias pelos componentes do grupo pesquisado(r).....37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ADC** - Análise do Discurso Crítica
- CEF** - Centro de Ensino Fundamental
- CED** - Centro Educacional
- CEI** - Centro de Educação Infantil
- CODEPLAN** - Companhia de Planejamento do Distrito Federal
- CNPq** - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- CRE** - Coordenação Regional de Ensino
- DF** - Distrito Federal
- EAPE** - Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação
- EC** - Escola Classe
- EPNBraz** - Escola Parque da Natureza de Brazlândia
- FUP** - Faculdade UnB Planaltina
- Gecria** - Grupo de Pesquisa Educação Crítica e Autoria Criativa
- IBGE** - Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- Incra** - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
- Labeca** - Laboratório Interdisciplinar de Educação, Cultura e Arte
- MEC** - Ministério da Educação
- MST** - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
- OTP** - Organização do Trabalho Pedagógico
- PPP** - Projeto Político-Pedagógico
- RA** - Região Administrativa
- SEEDF** - Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
- Soleduc** - Grupo de Pesquisa (Socio)Linguística, Letramentos Múltiplos e Educação
- UnB** - Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 SOBRE OS CAMPOS: territórios e lugar de pesquisa do cotidiano e das relações.....	11
2.1 Território brazlandense: encontro de territórios camponeses.....	13
2.2 Escola Parque da Natureza de Brazlândia: Escola do Campo.....	15
3 EDUCAÇÃO DO CAMPO: considerações para enquadre da pesquisa	19
4 COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA: espaço-tempo de construção identitária.....	24
4.1 Sobre identidade(s).....	24
4.2 Sobre (trans)formações.....	26
4.3 (A)colhimento de escritas de si na Coordenação Pedagógica Coletiva da EPNBraz..	30
4.3.1 Construção do <i>corpus</i>: oficina de escrita criativa.....	31
4.3.2 Análise do <i>corpus</i>.....	35
5 CONSIDERAÇÕES PARA CONTINUIDADE DA ESPIRAL.....	59
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICE A – MATERIAL DIDÁTICO COMPARTILHADO COM OS AVALIADORES, PARTICÍPIES DE PESQUISA E CONVIDADOS PARA ACOMPANHAMENTO DA APRESENTAÇÃO DO TRABALHO À BANCA EXAMINADORA	64
ANEXO A - CORPUS DA PESQUISA	82

1 INTRODUÇÃO

A Educação do Campo é uma categoria de análise e modalidade de ensino que foi concebida nacionalmente, no âmbito do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, ou seja, que nasceu das possibilidades de mudanças da forma escolar vislumbradas por povos do Campo, para colocá-la em consonância com as especificidades de seus territórios, em termos de vinculação com a realidade. Outras pessoas e instituições, com visões de mundo e sociedade assumidamente progressistas, se somaram à luta pela efetivação da Educação do Campo e no Campo como direito. Os diálogos relacionados resultaram na publicação da Portaria SEEDF nº 419, em 20 de dezembro de 2018, que institui Educação Básica do Campo como modalidade de ensino para a Rede Pública de Ensino do Distrito Federal, elencando aspectos essenciais para sua legitimação, tais como: indicação de princípios norteadores do trabalho educativo e do estabelecimento de vínculos entre a escola e a comunidade; reconhecimento do Inventário Social, Histórico, Cultural e Ambiental das Escolas do Campo como instrumento de educação coletiva, basilar da construção da identidade e para suporte da construção coletiva de seus Projetos Político-Pedagógicos; formação profissional específica e a localização em territórios camponeses e/ou em áreas urbanas com atendimento majoritário de estudantes residentes em territórios camponeses como critérios de reconhecimento oficial das Escolas do Campo.

A Coordenação Pedagógica Coletiva é parte obrigatória da carga horária de trabalho em jornada ampliada do magistério nas escolas da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal. Portanto, espaço-tempo que deve ser destinado também à formação continuada, sobretudo no que tange às temáticas próprias dos territórios e implementação qualificada do Projeto Político-Pedagógico da Unidade Escolar, conforme sua missão, visão e valores. Portanto, os princípios da Educação do Campo podem ser pautados nesses encontros de profissionais, além de permear toda a Organização do Trabalho Pedagógico - OTP. Essas possibilidades têm sutilezas potencializadoras de desenvolvimento de “outras pedagogias”¹ nos, para e pelos diferentes territórios camponeses brazlandenses, já que Brazlândia, com um grupo de 13 Escolas do Campo em construção, é a terceira maior Coordenação Regional de Ensino do Distrito Federal em número de escolas do Campo². Diz-se que as Escolas do

¹ Menção ao livro *Outros Sujeitos, Outras Pedagogias*, escrito por Miguel Arroyo (2014).

² A primeira CRE do DF em número de Escolas do Campo é a de Planaltina, com 22; e a segunda é a do Paranoá e Itapoã, com 14.

Campo do DF estão em construção, porque se encontram em legítimo processo de reconhecimento identitário por meio da elaboração dos inventários de suas realidades, com vistas à compreensão e mudança da forma escolar para melhor adequação ao contexto de vida comunitário.

A investigação a que este trabalho se refere é justificada pela aposta de que haja uma articulação entre o aprofundamento e ampliação dos diálogos sobre a Educação do Campo, a efetivação dela como modalidade de ensino e direito popular e a validação de sua natureza diferenciada pelos diferentes segmentos da comunidade escolar. Há relevância praxiológica nos estudos coletivos de possíveis contradições, desafios e possibilidades já desenhadas do cotidiano da Escola Parque da Natureza de Brazlândia - EPNBraz, pelo viés integrativo da Educação do Campo como modalidade de ensino e como categoria de análise, no contexto de construção da Escola do Campo no DF, considerando como isso se relaciona com a construção identitária de profissionais que atuam neste contexto.

No tocante à metodologia de pesquisa, no marco da (auto)etnografia³, foi proposta uma oficina de escrita criativa, compreendida como (a)colhimento de escritas de si, devido à perspectiva da reflexão viabilizada pelo ato da escrita. A oficina para levantamento de dados teve como inspiração o trabalho do Grupo de Pesquisa Educação Crítica e Autoria Criativa - Gecria⁴ e contemplou roda de conversa, leituras e exercício de escrita espontânea a partir de perguntas inspiradoras. Os textos autorais compõem o *corpus* desta pesquisa, cuja análise deu-se com foco em aspectos discursivos: lexicais e semânticos, num diálogo proposto nas interfaces política e ontológica da Educação do Campo com a Sociolinguística Interacional e a Análise do Discurso Crítica, com fundamentação teórica em ARROYO, 2013; BAGNO, 2007; BORTONI-RICARDO, 2004/2011; CALDART, 2011/2018/2020; FREIRE, 2000/2005; FAIRCLOUGH, 2001; FOUCAULT, 1983; MOLLICA e FERRAREZI Jr., 2016; SILVA, 2018; SILVA, HALL e WOODWARD, 2014; SPIVAK, 2010; e SOUSA, 2011, entre outros.

Este Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Educação do Campo, referente ao eixo Identidade Territorial - Inventário, escola e comunidade, movimentos

³ Com base em Chang (2018), a pesquisa autoetnográfica é aquela em cujo desenvolvimento metodológico a autora é um dos sujeitos inseridos no contexto, permanecendo em suas funções sociais e políticas que os demais. No caso desta pesquisa, a autora atua como Educadora do Campo na EPNBraz. O prefixo “auto” aparece entre parênteses para evidenciar que há o cunho autoetnográfico, mas que a autoetnografia não é utilizada como método exclusivo da pesquisa.

⁴ Grupo de Pesquisa Educação Crítica e Autoria Criativa (UnB/CNPq). É possível conhecer o trabalho do grupo acessando o link: <https://www.autoriacriativa.com/>

social/sindical, é, portanto, um enquadre⁵ de investigação coletiva e (trans)formativa em que estão sendo desenvolvidos diálogos sobre a Coordenação Pedagógica Coletiva na EPNBraz como espaço-tempo de construção identitária profissional, numa perspectiva cultural, e a possibilidade disso interferir na efetivação da modalidade de ensino Educação do Campo, considerando os princípios da Educação do Campo elencados na Portaria SEEDF nº 419/2018. Para isso, foram estudadas as autorrepresentações dos sujeitos que compõem o grupo de profissionais - partícipes da pesquisa - atuantes na Unidade de Ensino, no contexto de construção da Escola do Campo no DF, observando se e como eles se reconheciam Educadoras e Educadores do Campo. Trata-se de uma construção coletiva, uma tessitura de diálogos identitários e (trans)formativos propositivos em que tais sujeitos tiveram garantidos seus espaços de manifestação por meio da fala e da escrita e evidenciadas suas próprias vozes, sem assujeitamento.

Em tempo, para complemento dos sentidos desta pesquisa, torna-se relevante mais uma partilha que dialoga com as questões aqui elencadas, partindo de uma inspiração poética. Além de declarar seu apreço pelas coisas e seres desimportantes, o poeta Manoel de Barros⁶ (1916 - 2014) defendia que as suas partilhas escritas seriam sempre muito mais interessantes do que sua pessoa. Também tenho essa impressão a meu próprio respeito. Por isso, somente após apresentar, em terceira pessoa, o pensamento-essência desta pesquisa, sendo sujeita integrada ao Campo de pesquisa em tela, sinto-me confortável para me situar nele, na intenção de sinalizar o que me vincula, como sujeita omnilateral, à pesquisa desenvolvida, justificando o prefixo do cunho (auto)etnográfico dela.

Sou Edinéia Alves Cruz, caçula de Dona Helena e Seu João Jacó. De minha ancestralidade herdei o cheiro de terra nas mãos e a consciência de que a escola é lugar de aprender a não sofrer o mundo além da conta. Nasci no DF, mas sou mineira, interiorana, de criação, alma e coração. Professora em exercício desde os dezoito anos e, por paixão, desde os três ou quatro, ainda não sei muito sobre nada. Porém ou justamente por isso, curiosa de nascerça, coleciono e destrincho desconfianças desde sempre, lendo as pessoas, o mundo, os livros, as entrelinhas dos movimentos, das prosas e das poesias. Somadas à paixão pela combinação: gentes, saberes, palavras, invenções e panelas, essas leituras me conduziram

⁵ Aqui adotamos a conceituação interativa de enquadre definida por Tannen e Wallat ([1979] 2002: 188), que “se refere à definição do que está acontecendo em uma interação, sem a qual nenhuma elocução (ou movimento ou gesto) poderia ser interpretada”.

⁶ O depoimento em que Manoel de Barros menciona essa questão faz parte do documentário Só dez por cento é mentira, dirigido por Pedro Cezar, lançado em 2010.

pelas licenciaturas em Pedagogia, Letras - Português/Inglês e Artes Visuais, pela especialização em Supervisão Escolar, pelo mestrado profissional em Administração: Gestão Estratégica das Organizações, ao ingresso na Especialização em Educação do Campo (FUP/UnB) e no curso de doutorado em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília - UnB e vêm me proporcionando aprendizados significativos, em boa companhia, no desempenho das funções de: professora de tudo que pude da Educação Infantil à Superior, supervisora pedagógica, coordenadora local, coordenadora intermediária e chefe de Unidade Regional de Educação Básica, no trecho MG-DF, nas últimas duas décadas.

Tais leituras também me mantêm na condição de Educadora do Campo em construção, feliz aprendiz de todas as coisas, pessoas, histórias e circunstâncias, atuando como supervisora pedagógica da Escola Parque da Natureza de Brazlândia - EPNBraz e integrando as comunidades de aprendizagem Programa Escola da Terra, Mulheres Inspiradoras, Grupo de Pesquisa Educação Crítica e Autoria Criativa - Gecria (UnB/CNPq), Laboratório Interdisciplinar de Educação, Cultura & Arte - Labeca (FUP/UnB/CNPq) e do Grupo de Pesquisa (Socio)Linguística, Letramentos Múltiplos e Educação - Soleduc (UnB/CNPq). Coloco-me, então, em pessoa, profissão, cidadania e palavras, nesta ciranda de internalização de sentidos, celebração e defesa da Educação do Campo, por meio de construções coletivas regadas à boa prosa e, quiçá, a um cafezinho com bolo de fubá recém saído do forno ou cuscuz, temperado com amor, poesia e conscientização, e outras simplicidades desse tipo, pois sou grata por todo esse universo de bonitezas humanas e não-humanas que me atravessam.

2 SOBRE OS CAMPOS: territórios e lugar de pesquisa do cotidiano e das relações

Reconhecida como distrito de Luziânia em 05 de junho de 1933, com a criação de sua subprefeitura, a atual Região Administrativa Brazlândia ocupa 8,32% do território do Distrito Federal, com uma área total de 474,83km², localizada a 43 quilômetros do Plano Piloto. A RA é povoada atualmente por cerca de 54 mil cidadãos na área urbana e 30 mil na área rural, em que há diferentes territórios camponeses. Pode ser que a exatidão desses números oficiais seja abalada, se olharmos para além das linhas dos limites geográficos e considerarmos as regiões periurbanas. Na página oficial da Administração de Brazlândia⁷ na internet, a RA Brazlândia é apresentada como lugar de turismo rural e religioso, cujo “jeitinho de interior” e festas tradicionais a tornam atraente para “os que procuram calma e paz”. Os recursos naturais também são exaltados pelo potencial de colaboração com outros territórios, assim como a condição de cinturão agrícola regional, produtor de morango, goiaba, leite e hortifrutigranjeiros e a diversidade de empresas que funcionam na região, dentre elas seis escolas particulares. Não consta, no entanto, na apresentação oficial de Brazlândia menção ao seu processo histórico de criação nem à diversidade de povos que residem em seus diferentes territórios, sobretudo camponeses. O texto, em tom propagandista, sinaliza priorização dos aspectos comerciais, em detrimento dos patrimoniais e culturais que permeiam as relações entre as pessoas, dentre outros, relevantes à constituição identitária dos sujeitos e da RA como território.

Atualmente, há em Brazlândia, 36 escolas compondo a Rede Pública em Ensino do Distrito Federal⁸, sendo 13 delas Escolas do Campo (em construção), conforme determina a Portaria SEEDF nº 419 de 20 de dezembro de 2018. São elas: Centro de Educação Infantil 03, Escola Classe 01 do Incra 08, Escola Classe Incra 06, Escola Classe Almécegas, Escola Classe Bucanhão, Escola Classe Chapadinha, Escola Classe Polo Agrícola Torre, Centro de Ensino Fundamental Incra 07, Centro Educacional Vendinha, Centro Educacional Incra 08, Centro Educacional Irmã Maria Regina Velanes Regis, Centro Educacional 04 e Escola Parque da Natureza de Brazlândia - EPNBraz. Há nessas escolas do campo profissionais que

⁷ Site da Administração de Brazlândia: <https://www.brazlandia.df.gov.br/category/sobre-a-ra/conheca-a-ra/>. Acesso em 29/06/2023.

⁸ Cinco creches conveniadas; três Centros de Educação Infantil - sendo o CEI 03 também creche-; 13 Escolas Classes - ofertantes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental exclusivamente ou Anos Iniciais e Educação Infantil - ; quatro Centros de Ensino Fundamental - que também podem ofertar Educação Infantil -; cinco Centros Educacionais - que podem ofertar todos os níveis da Educação Básica, Ensino Profissionalizante e atendimento em sistema socioeducativo -, um Centro Educacional urbano foi militarizado em 2023; dois Centros de Ensino Médio; uma Escola Técnica; um Centro de Ensino Especial; um Centro Interescolar de Línguas e uma Escola Parque.

passaram toda a vida em ambiente totalmente urbano, assim como há os que têm vivências pessoais em áreas rurais com modos de vida camponeses. Além disso, considerando que parte significativa dos Educadores e Educadoras do Campo que exercem suas funções profissionais em territórios camponeses brazlandenses, compondo-os, afetando-os e sendo afetados por eles em alguma medida, são oriundos da própria região de Brazlândia, vivenciando diferentes fases da vida dentro de suas dinâmicas caracterizadoras e lhes dando continuidade, torna-se relevante mencionar a pesquisa realizada entre 1984 e 1985, em que Bortoni-Ricardo (2011) contextualiza que

Brazlândia, que originou de uma vila - Povoado da Chapadinha -, recebeu o nome atual quando se tornou distrito em 1933, de acordo com a versão oficial, ou em 1932, se aceitarmos a informação de residentes mais idosos. De qualquer forma, precedeu a fundação de Brasília em quase 30 anos. À época, dividida em dois bairros: o Setor Tradicional, que corresponde ao povoado original, e o Setor Novo Loteamento [...].

O Setor Novo Loteamento foi construído nos anos 1960 para receber pessoas desalojadas de invasões que emergiram em volta da capital. Os residentes antigos reagiram fortemente contra a transferência dessa população para a área, e os assentados foram severamente discriminados. [...]

Brazlândia tinha a segunda renda *per capita* mais baixa de todas as cidades do Distrito Federal. Havia poucos empregos locais e as pessoas tinham de viajar até Taguatinga ou ao Plano Piloto para trabalhar. Os empregos disponíveis eram de baixos salários e, praticamente, se restringiam a instituições públicas. Havia também a possibilidade de trabalho nas atividades agrícolas da redondeza. [...]

[...] A comunidade estudada apresentava aquela situação peculiar que tem sido descrita como *rurbana*⁹ em antropologia (Southall, 1973). Não era tipicamente urbana, nem tampouco uma comunidade tradicional isolada. Com exceção das crianças que haviam nascido depois da imigração, a maioria da população tinha antecedentes rurais [...]. Apesar disso, não podia ser considerada como uma “ilha de camponeses”, na qual a maior parte das condições culturais originais fossem recriadas.

Também não representava uma população tipicamente marginal segregada da economia dominante, como definida por Lomnitz (1977). Ainda que a maioria das pessoas estivessem desempregadas, tinham acesso ao benefício da previdência social, serviços médicos gratuitos, escola pública e alguns outros programas sociais. [...]

Além disso, a maioria dos migrantes já estabelecidos há mais tempo conseguiu melhorar consideravelmente suas condições de vida. Muitas casas de alvenaria construídas para substituir os barracos originais são evidências dessa mobilidade. [...]

Por outro lado, Brazlândia apresenta traços de comunidade tradicional e de economia de subsistência, para usar a descrição proposta por Cândido

⁹ O conceito de *rurbano* elaborado por Bortoni-Ricardo, em contextos de estudos sociolinguísticos, converge com o conceito de *rururbano*, comum aos estudos sociológicos voltados para as questões agrárias e territoriais, sobretudo na América Latina, como consta em BARROS, Claudia. De Rural a Rururbano: Transformaciones Territoriales y Construcción de Lugares al Sudoeste del Área Metropolitana de Buenos Aires. In: IBEROAMÉRICA ANTE LOS RETOS DEL SIGLO XXI. Número extraordinário dedicado al I Coloquio Internacional de Geocrítica (Actas del Coloquio). Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona - Nº 45 (51), 1999.

(1964). Algumas famílias ainda criavam porcos e galinhas em seus quintais, como faziam no campo. Também é possível observar um senso de territorialidade comum e padrões densos de redes sociais. [...]

As redes sociais de Brazlândia conformavam-se aos padrões regularmente encontrados em comunidades de baixa renda, em que prevalece a solidariedade e reciprocidade. [...] Observou-se em Brazlândia, contudo, que os vínculos de parentesco extensivo, o intenso intercâmbio de informações na vizinhança, a contiguidade e proximidade física das moradias e a participação em associações religiosas voluntárias, tudo parecia contribuir para formar redes de tessitura miúda. [...]

Em Brazlândia, os laços de vizinhança eram fortes. As portas da rua ficavam geralmente abertas todo o dia e os vizinhos se visitavam regularmente. Os homens se reuniam nas ruas para conversar, enquanto as mulheres formavam grupos em frente às casas e conversavam com os transeuntes e as crianças, para as quais a rua era um *playground*. As pessoas tendiam a se considerar como uma comunidade de amigos onde todo mundo conhece todo mundo, ainda que isso não fosse literalmente verdade. (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 140-144)

A compreensão desse contexto mais amplo em que a vida de muitas educadoras e educadores atuantes nas Escolas do Campo brazlandenses estiveram imersos pode ser relevante para o estudo das autorrepresentações dos sujeitos que compõem o grupo de profissionais atuantes na EPNBraz no contexto de construção da Escola do Campo no DF, assim como é relevante considerar que há diferenças entre os territórios que formam o campo brazlandense.

2.1 Território brazlandense: encontro de territórios camponeses

Brazlândia, assim como Brasília, não nasceu do vazio. A região em que Brazlândia vem sendo desenhada a partir de sua fundação oficial desde antes disso já era chão de vida camponesa. E talvez, num momento em que se possa realizar uma busca mais aprofundada, se descubram outras realidades antecedentes, pois territórios, assim como as pessoas, que vão se constituindo sujeitos por meio de suas interações, carregam em suas composições identitárias ancestralidades. Conta-se que Brazlândia recebeu este nome, com “Z” finalizando a primeira sílaba, em homenagem à família de João Braz Queirós, a mais antiga da região da então Vila Chapadinha, localizada até 1932 nos limites do município de Luziânia - GO. Em torno do Setor Tradicional e do Setor Novo Loteamento, continuaram existindo e em expansão territórios camponeses, entrelaçando modos de vida rurais, urbanos e rurbanos de maneira orgânica, apesar das contradições impostas pelo ideário governamental nacional de

intensificação da dicotomia urbano-rural, em que o campo foi posto como local de investimento estrutural e tecnológico para desenvolvimento urbano, mas como irrelevante para as construções culturais e anseios de internacionalização.

Nessa perspectiva é que Brazlândia entrou no planejamento de urbanização do Distrito Federal como cinturão agrícola. Por meio de instituições como o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, o Estado investiu no aprimoramento dos usos das terras cerratenses locais, para potencializar a produção de frutas e hortaliças para abastecimento urbano e desenvolvimento econômico distrital. Para isso incentivaram a imigração de alemães, italianos e japoneses para a região de Brazlândia, com vistas à inovação das técnicas agrícolas, absorvendo mão de obra local e oriunda de outras regiões do país para os trabalhos mais rudimentares, em modelos de contratação de longa duração ou por temporadas, conforme as demandas de plantio e colheita.

Atualmente, além das terras onde firmaram residência as famílias estrangeiras, há nos territórios camponeses brazlandeses acampamentos e assentamentos de integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST e, também, em crescente ocorrência, condomínios rurais povoados por pessoas que não vivem do trabalho na e com a terra, inclusive servidores públicos, que optam por residir fora da movimentação dos centros urbanos. Muitos desses condomínios de casas e chácaras são formados a partir de ações de grilagem de terras e não são regularizados. É relevante mencionar ainda, as invasões localizadas nas regiões periurbanas decorrentes da marginalização de cidadãos periféricos que não encontram condições de manutenção de vida na cidade e passam a integrar grupos que se instalam nas fronteiras entre o campo e a cidade, enfrentando as contradições referentes aos modos possíveis de vida, às burocracias no atendimento de suas demandas sociais e às questões identitárias. Em cada comunidade, os modos de vida camponeses, ou somente rurais, ou ainda urbanos localizados geograficamente em áreas rurais, são instituídos em dinâmicas distintas em diversos aspectos. Por isso é possível considerar que a RA Brazlândia não possui um território camponês, mas um emaranhado de territórios camponeses específicos, que dialogam com os demais, mas têm aspectos identitários próprios e não fixos, pois a identidade muda conforme as alterações nas dinâmicas e relações sociais

2.2 Escola Parque da Natureza de Brazlândia: Escola do Campo

A Escola Parque da Natureza de Brazlândia - EPNBraz foi pensada como aparelho público de educação inovadora para intervenção na concepção do território brazlandense pelos sujeitos que o povoam e nele produzem cultura, basicamente por meio do fomento (ou geração) do sentimento de pertença. Por isso, tem como missão “garantir a aprendizagem de conhecimentos, habilidades e desenvolvimento integral dos sujeitos por meio do exercício da autonomia, visando transformação social que assegure a promoção da cidadania e sustentabilidade”¹⁰, já que tem como visão “ser reconhecida pela comunidade de Brazlândia como instituição de práticas inovadoras que proporcionam a formação do cidadão em suas múltiplas dimensões, potencializando a oferta educacional de Arte, Educação Física, Educação Ambiental e Educação Patrimonial”¹¹ e tem como valores: humanismo, ética, sustentabilidade, pertencimento, criticidade, política e responsabilidade social.

A EPNBraz foi idealizada por sujeitos integrados, por suas origens e/ou exercício profissional, ao território brazlandense. Cláudia Simone, Claudiane, Geraldo, Denilson e Cida foram os responsáveis por defender a ideia da construção de uma escola pública que se ocupasse da compreensão do contexto de vida, dos sujeitos e suas relações sociais, históricas, culturais e ambientes com o chão cerratense em que foi desenhada a RA Brazlândia. Em diálogo com outros sujeitos, o quinteto foi responsável pela transformação da ideia em pensamento coletivo e, conseqüentemente, pela organização de um movimento social e político para materialização de uma escola pública inspirada nos ideais educacionais emancipatórios de Anísio Teixeira em Brazlândia que coadunasse com os sentidos da educação integral dos sujeitos em que as artes e a corporeidade fossem instituídas na educação pública como forma de compreensão do mundo, comunicação com ele e intervenção nele.

Nesse processo de idealização da escola, como ressalta Rosa (2018), foram levados em consideração aspectos marcantes da cidade de Brazlândia, como o fato de sua existência ser anterior à construção de Brasília, contar ainda com construções em adobe e arquitetura em estilo colonial, fazendas centenárias por onde passaram a Coluna Prestes e a Missão Cruls, cemitérios do período pré-colonial, ter sido caminho do ouro na época da mineração no Estado de Goiás, ter sítios arqueológicos com presença de arte rupestre, áreas de proteção

¹⁰ DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Projeto Político-Pedagógico da Escola Parque da Natureza de Brazlândia**. Brasília – DF, 2023, p.27 .

¹¹ Ibid. p. 27.

ambiental, ser cinturão verde do DF e abastecer aproximadamente 65% do DF com a água da Barragem do Descoberto, cujas nascentes estão, em especial, no Parque Veredinha. Dessa forma, em 09 de setembro de 2014, a EPNBraz foi inaugurada. Aos idealizadores da escola se juntaram outros profissionais da rede. Como está registrado em seu Inventário Social, Histórico, Cultural e Ambiental,

Em 2014, a EPNBraz nasceu!
 Com E de escola, que é lugar de aprender.
 Com P de parque, que é lugar de alegria.
 Com N de natureza, que é lugar de ser como se é.
 Com Braz de Brazlândia, que é lugar de tornar-se rico...
 Principalmente, daquilo que o dinheiro não pode comprar.
 (DISTRITO FEDERAL, 2022, p. 7)

Desde então, seu Projeto Político-Pedagógico e a Organização do Trabalho Pedagógico vem sendo (re)desenhados constantemente, de forma coletiva, democrática, crítica, embasada, propositiva e dialógica. O atendimento dos estudantes da rede pública já foi realizado a partir do acesso direto pela comunidade, de forma intercomplementar e complementar, em suporte aos projetos de educação integral da SEEDF. Na EPNBraz atuam professores de Educação Física e Artes, em suas diferentes linguagens, desenvolvendo atividades integradas pelos eixos Educação Ambiental e Educação Patrimonial em Estações Educativas que vão sendo remodeladas, conforme resposta da comunidade escolar, dentro das possibilidades estruturais. A comunidade escolar da EPNBraz é a soma das comunidades escolares das Unidades de Ensino cujos estudantes são compartilhados com ela, como polo de atendimento da educação integral.

Internamente, a EPNBraz é compreendida, como sempre nos lembra nossa colega Angelina, como um corpo cujas partes são os sujeitos omnilaterais que se interagem, estabelecem relações e criam vínculos dentro dela, com ela e em função dela e, assim, a movimentam diariamente para cumprimento de sua missão, na visão estabelecida e em defesa dos valores que tecem sua essência educativa emancipatória. Por isso, é orgânica a postura metonímica de se utilizar a sigla EPNBraz para nos referirmos à Unidade de Ensino e também ao grupo de profissionais que a compõem, tendendo, inclusive, a personificá-la. Os vínculos que a escola vai estabelecendo com instituições como a Faculdade UnB Planaltina, as Escolas de Origem de seus estudantes e outras amplia os espaços de desenvolvimento dessa postura e dessa concepção.

A EPNBraz tem sua identidade camponesa (autor)reconhecida e legitimada, ainda que fluida e em constante processo de aprimoramento. É uma escola parque, da natureza, de educação integral dos sujeitos, da infância, inclusiva e Escola do Campo, defendida como lugar de felicidade e desenvolvimento de condições para a emancipação humana, ainda que enfrente contradições que impactam em seu funcionamento, tais como: 1. rotatividade de profissionais tanto em função da sistemática de contratação temporária ou da não adaptação com concepção mais progressista e criativa da escola; 2. compreensão ainda embrionária de sua função social pela comunidade, já que a gestão dos tempos e prioridades de pauta dentro do sistema educacional, demarcados central e intermediariamente, cerceiam muitas possibilidades de diálogos diretos entre a EPNBraz e outras instituições e suas respectivas comunidades; e, principalmente, 3. a falta de um lugar próprio de funcionamento que viabilize a implementação efetiva de seu Projeto Político-Pedagógico original, já que ele contempla a rotina de vivências diretas em cerrado preservado, atividade relacionadas ao cultivo de alimentos, ao cuidado com a terra, atividades organizadas e desenvolvidas coletivamente e com participação direta da comunidade.

Até o final de 2018, a EPNBraz funcionou numa chácara alugada no Setor Tradicional de Brazlândia, tendo sido obrigada a ser removida de lá como única opção para a continuidade de sua existência, por questões referentes ao custeio do aluguel. Assim, desde 2019, a escola tem funcionado em área urbana, num espaço reduzido também fisicamente quanto em termos de possibilidades de atividades coletivas e de contato com a natureza. Em todo este período a gestão escolar tem buscado soluções junto à CRE Brazlândia e à SEEDF. No entanto, três processos para locação de um espaço mais adequado foram interrompidos. Com a destinação de terreno público para construção da sede definitiva, cessaram as expectativas de mudança até que isso ocorra, por meio dos processos burocráticos sujeitos a interferências comuns e ou normalizados no funcionamento da máquina pública no que tange aos investimentos em educação (pública). Assim, nessa dialogicidade entre construções identitárias, contradições e responsabilidade social, resistindo e se adequando às possibilidades, a EPNBraz sobrevive no improviso estrutural e na essência educativa interiorizada pelas pessoas que dela fazem parte, direta e indiretamente. A EPNBraz ainda não tem casa, mas vive aconchegada em nossos corações, embalada em esperar freireano.

Para concluir esta parte do texto, é importante mencionar que atualmente, a EPNBraz recebe estudantes de seis escolas de origem do Campo (CEd Irmã Maria Regina Velanes Regis, CEF Incra 07, CEI 03, EC Almécegas, EC Chapadinha e EC Incra 06) e de duas

escolas urbanas (EC 03 e EC 07), muitos com ancestralidade e rotina de vivências camponesas e que mesmo já tendo reconhecido sua essência camponesa, em diálogo e parceria com o curso de Licenciatura em Educação do Campo da FUP/UnB e com o Laboratório Interdisciplinar de Educação, Cultura & Arte - Labeca (UnB/CNPq) e o coletivo do Terra em Cena em processos de construção epistemológica da práxis iniciadas desde sua fundação, a EPNBraz foi reconhecida pela SEEDF como Escola do Campo por meio da Portaria nº 419/2018, que, em seu Artigo 4º e em seu Parágrafo Único, respectivamente,

Institui o Inventário Social, Histórico e Cultural com instrumento basilar na construção identitária da Escola do Campo, tendo como fundamento os processos sociais estabelecidos no território, os saberes próprios dos estudantes, como sujeitos do campo, a memória coletiva local, os conhecimentos historicamente estabelecidos pela sociedade e pelos movimentos sociais. [...]

Considera-se também, como Escola do Campo, a Unidade Escolar situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ou pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN), e aquela Unidade Escolar situada em área urbana que atenda, predominantemente, à população do campo. (DISTRITO FEDERAL, 2018)

3 EDUCAÇÃO DO CAMPO: considerações para enquadre da pesquisa

Apresentada a EPNBraz como Escola do Campo em construção, torna-se relevante discutir neste capítulo a trajetória da Educação do Campo do âmbito nacional para o do Distrito Federal, para enquadrar melhor nossos diálogos nesta luta por uma educação progressista libertária elaborada com base na dialogicidade entre contradições e possibilidades. É necessária a assunção de frentes para conscientização coletiva dentro das Escolas do Campo, para significação do processo de legitimação dos princípios da Educação do Campo do Distrito Federal, o que só se dá de forma engajada. Esta discussão pode contribuir com o pensamento coletivo acerca da Educação do Campo como categoria de análise (CALDART, 2011), modalidade de ensino (DISTRITO FEDERAL, 2018), posicionamento político e direito dos sujeitos camponeses, já que ela envolve processos que lhes garantem possibilidades de intervenção na realidade, integrados a movimentos sociais que lhes representam.

As discussões que seguem têm como base e inspiração o que foi partilhado pela Professora Doutora Maria do Socorro Silva na aula inaugural da Especialização em Educação do Campo (FUP/UnB) - Programa Escola da Terra (MEC/SEEDF/FUP-UnB) e por meio do artigo científico denominado Nas trilhas da memória da materialização da Escola do Campo brasileiro: da Educação Rural à Educação do Campo. Esse artigo é resultado de estudos realizados pela autora durante pesquisa para sua tese de doutorado, sobre as práticas pedagógicas nas Escolas do Campo. Além disso, serão elencadas também, em contribuição ao aprofundamento dos diálogos, discussões do pensamento da Professora Doutora Roseli Salette Caldart e de colegas pesquisadores do Programa Escola da Terra.

Como estamos tratando de Educação Pública, para compreender como as políticas educacionais foram desenvolvidas até o cenário atual, é importante apresentar um trecho do referido texto de Silva, em que ela expõe a relação entre a Educação Rural e a ação governamental desagregadora da memória dos Povos Camponeses, em que menciona que

O modelo de desenvolvimento implementado no campo brasileiro foi tão excludente que marca até hoje o modelo de educação adotado no Brasil. A escola brasileira, de 1500 até o início do século XX, serviu e serve para atender às elites, sendo inacessível para grande parte da população rural. Para as elites do Brasil agrário, as mulheres, indígenas, negros e trabalhadores rurais não precisavam aprender a ler e escrever, visto que nessa concepção para desenvolver o trabalho agrícola não requiritava letramento. (SILVA, 2018, pp. 38-39)

De lá para cá, a partir de 1920, foi implementado o chamado Ruralismo Pedagógico, com o slogan “Instruir para sanear” (PAIVA, 1985, p. 127 *apud* SILVA, 2018, p. 40). Depois, com o intuito de não manchar a imagem do Brasil como país em pleno desenvolvimento econômico e investir na mecanização das práticas agrícolas, foram desenvolvidas ações sistemáticas para “fixar o homem no campo” (SILVA, 2018, p. 41). Isso resultou em tentativas de apagamento do sujeito e dos modos de vida camponeses, já que tudo que difere do status moderno do urbano passou a ser tido como passível de superação. Com isso, é inegável que dinâmicas sociais possíveis ainda sejam permeadas por contradições. Parece lógico que quem experimenta alguma forma de opressão cuide de não atuar de maneira opressora. No entanto, a colonialidade é uma postura estrutural que, enraizada em hegemonias, segue (i)lógicas próprias, que não se alinham a outras margens. Mesmo de frente para outras possibilidades, há quem não consiga enxergá-las como opção consonante com a realidade que amargam. Naturalizar, porém, isso não é uma opção. De outras margens, cabe a nós, pesquisadores, viabilizar espaços de diálogo e reforçar diálogos de, sobre, para e com humanidade e justiça de forma transversal às nossas áreas de pesquisa. Fazê-los ecoar em organização, de forma que direitos sejam substanciados e garantidos.

A extinta Educação Rural foi concebida como alternativa de formação de mão-de-obra e manutenção dos seus limites de circulação e interferência na organização da sociedade capitalista. É pautada em ideologias e interesses externos e num senso de dicotomia em que o lado posto como mais evoluído, ou seja, urbano, se apresenta como salvador do outro, posto como menos evoluído, ou seja não-urbano: rural e rurbano, como conceitua Bortoni-Ricardo (2011), e as relações de poder exploratório são disfarçadas de inovação e boa intenção, sendo assim difundidas e defendidas nos meios de comunicação em massa. Na perspectiva de garantia de direitos a todos, essa Educação Rural deixou dívidas em termos históricos de justiça social com os povos camponeses.

Graças a processos de conscientização independentes do formalismo estatal, tais dívidas vêm sendo cobradas, desde a década de 1990, por movimentos populares organizados, em especial o Movimento Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e movimentos diversos convergentes com ele. Tais movimentos têm apontado as contradições e insuficiências da educação rural, enquanto forma escolar e postura profissional, para a transformação da realidade nacional. Ainda que a nomeação educação rural já tenha sido substituída formalmente e que tratemos atualmente de Educação do Campo (CALDART, 2011), os ranços conceituais ainda reverberam nas práticas educativas e na compreensão dos

sujeitos do campo que dela fazem parte, inclusive por si mesmos. Isso impacta na prontidão desses sujeitos para a busca de garantia de seus direitos como cidadãos.

O dito ruralismo pedagógico, posto como conduta ideal de 1920 a 1940, veio para convencer os camponeses de que o campo seria o único lugar que eles poderiam ocupar, na condição de mão-de-obra, para contribuir com a inserção da nação no cenário internacional de desenvolvimento econômico. Nesse sentido, a escola vem pronta, rasa e rígida para os territórios camponeses, destinada a dar a esses sujeitos condições técnicas de lidar com os instrumentos a serem utilizados nessa modernização nos serviços braçais. A partir de 1950, a conduta estatal passou a ser o urbanismo pedagógico, como contraponto ao ruralismo. Nessa perspectiva, o sujeito camponês deveria ser convencido a seguir para os centros urbanos e ser moldado na escola, posta como aparelho de reprodução ideológica estatal, para ser tornado capaz de contribuir com a manutenção dos padrões de poder nacional, estruturados desde a colonização.

A ideia de campo como lugar a ser superado e limitado à área de fomento dos processos de industrialização e urbanização ainda permeia a estruturação do pensamento brasileiro e sustenta a hegemonia de poder, em suas diversas vertentes, e interfere diretamente na efetivação da Educação do Campo como princípio e postura. Isso evidencia quão relevantes são as bases epistemológicas das construções na área educacional, indissociáveis das questões sociais, políticas, econômicas, culturais e ambientais. Mudanças na educação de forma ampla e na educação do campo são lentas, pois dependem, dentre outros tantos aspectos, da identificação dos profissionais envolvidos com seus contextos de trabalho, bem como do nível de conscientização deles acerca da função social que têm no meio em que estão inseridos, a Escola Pública do Campo. O profissional que atua em escolas do campo é, essencialmente, formador de opinião e agente social cuja responsabilidade também é interferir nos processos reflexivos, com vistas à emancipação dos sujeitos que compõem e movimentam a comunidade, inclusive, incluindo-se nesse grupo. Ainda que a responsabilidade pela efetivação da Educação do Campo não caiba somente ao Educador do Campo e que seja fato que ele não tem condições de mudar a forma escolar sozinho, ele é um agente decisivo nesse processo. Portanto, não basta o empenho em transmitir conhecimentos prontos e repetir padrões cujas funcionalidades estão enraizadas em outras realidades, em outros modos de vida.

Torna-se imprescindível a disposição e comprometimento ético de aprender com a comunidade e participar da construção coletiva de conhecimentos que viabilizem avanços no sentido da conscientização desses sujeitos em relação aos seus potenciais de transformação social. Isso vai ao encontro dos sentidos de se construir caminhos coletivos de emancipação que viabilizem a percepção das relações de poder que colocam pessoas na condição de exploração naturalizada por outras pessoas. Isso para que se evidenciem caminhos de mudança dessa condição, pensando na equidade necessária no que tange ao direito de exercício pleno, ético, crítico e consciente da cidadania por todos os sujeitos, de todas as margens da sociedade, inclusive.

Pelo que é discutido na pesquisa desenvolvida por Moura, Oliveira, Rocha e Novaes¹² (2022), sobre a Cartografia das Escolas do Campo no Distrito Federal e a Identidade Territorial, o território que deu lugar ao Distrito Federal seguiu os padrões nacionais de desenvolvimento de políticas públicas educacionais voltadas para as áreas não-urbanas. Inclusive, quando Brasília foi construída, o mapeamento das fazendas que compunham a área, prova de que havia modos de vida estabelecidos antes do quadrado ser cidade, não foi divulgado. Os diálogos e articulações sobre Educação do Campo com outras Unidades Federativas e com os movimentos sociais organizados nacionais convergiram para os avanços nas pesquisas, fomentando a luta pela inclusão da Educação do Campo nas pautas e planejamentos educacionais em nível distrital, o que resultou, em 20 de dezembro de 2018, na publicação da Portaria nº 419 pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, instituindo a Educação do Campo como modalidade de ensino da Educação Básica, na Rede Pública de Ensino do DF, marcando, pela força da lei, a garantia de ampliação das possibilidades de mudança da forma escolar (CALDART, 2020) para atendimento mais qualificado e coerente das comunidades camponesas.

A Portaria SEEDF nº 419/2018 lança as Diretrizes Pedagógicas da Educação Básica para a Rede Pública de Ensino do Distrito Federal e os princípios que deverão nortear a implementação da modalidade de ensino nas escolas da rede. Um ponto de suma importância dessa Portaria é a definição de Escola do Campo, pautada não apenas na localização geográfica, como determina o tão questionado Plano de Desenvolvimento Orçamentário e Territorial - PDOT, mas considerando aspectos identitários dos sujeitos pertencentes aos

¹² A referida pesquisa foi sistematizada num artigo científico apresentado como requisito para conclusão da Especialização em Educação do Campo pela FUP/UnB, em 2022. Os autores dela são os professores pesquisadores: Rejane Moura (SEEDF), Vinícius Oliveira (SEEDF), Roni Ivan Rocha (UnB) e Eliene Rocha Novaes (UnB).

diferentes territórios. Para fins de reconhecimento identitário, promoção da mudança da forma escolar e legitimação da Educação do Campo como modalidade de ensino com princípios imbricados com a criação de possibilidades de emancipação, a Portaria estabelece, ainda, cada Escola do Campo do DF (em construção) deve construir, com efetiva participação de sua respectiva comunidade, seu Inventário Social, Histórico, Cultural (e Ambiental)¹³ ou Inventário da Realidade, como sugere Roseli Caldart (2017), para fins de saber-nos (Arroyo, 2013) sujeitos camponeses, de direitos e agentes potentes de transformação.

Os cinco princípios da Educação do Campo estabelecidos pela Portaria SEEDF nº 419/2018 são:

- I - Respeito à diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, religiosos, econômicos, de gênero, geracional e de raça e etnia;
- II - Desenvolvimento das Unidades Escolares que atendem aos sujeitos do campo como espaços públicos de formação, pesquisa e articulação de experiências e estudos direcionados para o desenvolvimento social, economicamente justo e ambientalmente sustentável, em articulação com o mundo do trabalho;
- III - Controle social da qualidade da educação escolar, mediante a efetiva participação da comunidade e dos movimentos sociais do campo, reconhecendo suas diferentes formas de organização;
- IV - Desenvolvimento pedagógico e curricular a partir da vinculação às matrizes formativas da população do campo, quais sejam: Terra, Trabalho, História, Cultura, Luta Social, Vivências de Opressão, Conhecimento Popular, Organização Coletiva, identificadas por meio de um inventário da escola e da comunidade (Inventário Social, Histórico e Cultural), como atividade de pesquisa a ser realizada por docentes, estudantes e comunidade escolar em geral, de forma que os saberes e fazeres do povo camponês constituam-se referência para a práxis pedagógica;
- V - Organização pedagógica pautada no trabalho como princípio educativo, na ligação do conteúdo escolar com a vida, na formação para a coletividade, por meio de processos democráticos participativos, e na alternância regular de períodos de estudos, como princípio e como método, quando se aplicar. (DISTRITO FEDERAL, 2018)

Assim, prosseguiremos com os diálogos, considerando que a epistemologia da práxis que construímos no cotidiano escolar pode e deve convergir com a emancipação humana e consequente transformação social, viabilizadas pela implementação qualificada da Educação do Campo no Campo, tendo em sua base legal esses cinco princípios, que devem orientar e formalizar o trabalho educativo articulado com os movimentos populares organizados.

¹³ O referência à inventariação das questões ambientais referentes às Escolas do Campo foi posta entre parênteses, porque é orientado nas formações relativas à formação de continuada dos Educadores e Educadoras do Campo ofertadas pela Subsecretaria de Formação Continuada do Profissionais da Educação do Distrito Federal - EAPE, mas ainda não houve atualização da Portaria SEEDF nº 419/208 nesse sentido.

4 COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA: espaço-tempo de construção identitária

Este é o capítulo focal desta tessitura textual. A discussão que o compõe está partilhada numa sequência de diálogos que intenciona aprofundar os sentidos de tudo o que foi elencado antes e do que vem depois dele. Iniciaremos a conversa pelas considerações sobre identidades, depois dialogarmos sobre as transformações passíveis de ocorrência no âmbito da formação em serviço devido à construção identitária no contexto em tela parece ter potencial de viabilizar, para, então, partilhar o que foi construído coletivamente acerca do processo de reconhecimento identitário possibilitado no espaço-tempo da Coordenação Pedagógica Coletiva na EPNBraz.

4.1 Sobre identidade(s)

Kathryn Woodward (2014) elabora uma síntese teórica sobre a relação entre identidade e diferença que se mostra bastante profícua para o desenvolvimento do diálogo proposto aqui. A autora dialoga sobre os processos que permeiam a construção identitária, mencionando como a discussão de Michael Ignatieff ilustra aspectos da identidade e da diferença de maneira ampla. Nessas teorizações, ela evidencia dez aspectos, indicando que, para compreender a identidade de forma não essencialista nem positivista, torna-se necessário conceituá-la e dividi-la em suas diferentes dimensões, além da análise de sistemas classificatórios, já que a identidade não é fixa nem imutável, mas sim relacional, e a diferença que a fundamenta é estabelecida por uma marcação simbólica em relação a outras identidades, estando também vinculada a condições sociais e materiais. Para ela, o social e o simbólico se referem a processos diferentes, mas são igualmente necessários para a construção e a manutenção das identidades. Assim, o psíquico também tem sua relevância. Por isso, há de se ter consciência de que, na busca de compreensão dos sistemas classificatórios, há diferenças que são marcadas e há as que podem ser obscurecidas, já que as identidades não são unificadas, podendo ocorrer discrepâncias entre os níveis coletivo e individual de identidade. Portanto, torna-se necessário compreender por que as pessoas assumem suas posições de identidade e se identificam com elas.

Neste trabalho é defendida uma concepção construcionista da identidade, portanto processual e passível de interferências, principalmente advindas das relações sociais. Por isso, parece relevante mencionar novamente as discussões de Woodward (2014), para elucidar a

relevância da análise do conceito de identidade para que se compreenda como o espaço-tempo da Coordenação Pedagógica Coletiva na EPNBraz pode impactar na construção identitária de seus Educadoras e Educadores do Campo no contexto de implementação da Educação do Campo como modalidade de ensino. Woodward (2014) menciona a necessidade de exame da forma como a identidade se insere no “circuito de cultura” (GAY; JANES; MACKAY; NEGUS, 1997). Tal circuito sugere as relações entre os processos de representação, identidade, produção, consumo e regulação para que se compreenda um texto ou artefato cultural, como é possível observar a seguir.

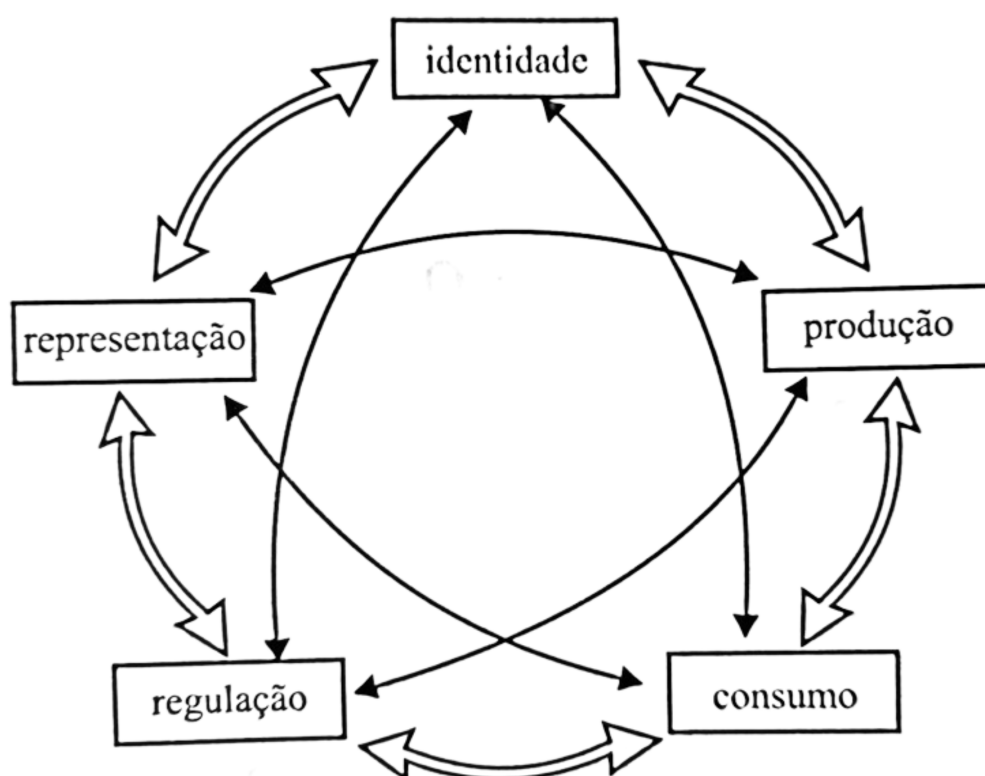


Figura 1 - O circuito de cultura, segundo Paul du Gay et al. (1997) *apud* Woodward (2014).

Em concordância com o pensamento de Woodward (2014), então, proponho diálogo sobre a sugestão de que, por se tratar de um circuito, não há um ponto inicial demarcado para análise relacional entre, sem necessidade de linearidade nem sequenciação, ainda que cada momento dele esteja entranhado nos outros. Nessa perspectiva analítica, a representação se refere a sistemas simbólicos que produzem significados sobre o tipo de pessoa que utiliza um determinado artefato, ou seja, produzem identidades que são associadas a elas. Essas identidades e esse artefato são técnica e/ou culturalmente para afetar os consumidores do

artefato com que se identificam, já que um artefato cultural tem efeito sobre a regulação da vida social, a partir das formas que ele é representado, sobre as identidades com ele associadas e sobre a articulação de sua produção e de seu consumo. (WOODWARD, 2014)

Portanto, o circuito em questão corrobora para este estudo porque a análise do *corpus* se dá com foco nos aspectos discursivos marcados pelo léxico e pelos processos de significações para construção de sentido, nas interfaces política e ontológica da Educação do Campo com Sociolinguística Interacional e a Análise do Discurso Crítica, para dialogar sobre as relações entre construção identitária, pressupostos e princípios da Educação do Campo e possibilidades (trans)formativas da Coordenação Pedagógica Coletiva na EPNBraz. Nessa perspectiva, faz-se relevante pontuar que mídia como difusora de cultura de massa interfere na construção identitária no contexto amplo da construção da Educação e da Escola do Campo, já que o reconhecimento da Educação do Campo no campo das políticas públicas decorre das reivindicações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e outros movimentos, organizações e instituições que se solidarizaram com a proposta por se identificarem com ela.

O comum na comunicação em massa brasileira é o privilégio das camadas sociais de maior poder econômico e defesa naturalizada e estratégica de sua hegemonia. A mídia, pela capacidade de alcance e repetição de um discurso neoliberal, interfere nos modos como os cidadãos ocupam suas posições de sujeito e com quem se identificam e tomam como referência para o exercício da cidadania. São práticas de significação cujos significados são construídos por meio de relações de poder, que podem incluir ou excluir, jamais denotando indiferença. Para Tomaz Tadeu da Silva (2014, p. 82), a “afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir”. Ao passo que nos constituímos e nos reconhecemos Educadoras e Educadores do Campo, tomamos consciência e desenvolvemos significações disso, do sentido que isso faz e declaramos o que nos torna pertencentes à Educação do Campo. Demarcamos, profissionalmente, nossas “posições-de-sujeito”. (WOODWARD; SILVA, 2014)

4.2 Sobre (trans)formações

A Análise do Discurso Crítica proposta por Norman Fairclough (1992) e continuada por Izabel Magalhães, André Ricardo Martins e Viviane de Melo Resende (2017) e outros,

pressupõe a assunção de agências sociais e a não-neutralidade do pesquisador e de seus pares no processo de pesquisa. A Sociolinguística, sobretudo em sua abordagem Interacional, de que trata Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004; 2011;2019), Rosineide Magalhães de Sousa (2006; 2011), Maria Cecília Mollica e Celso Ferrarezi Jr. et al (2016) e Marcos Bagno (2007) trata das formas de uso da língua em contextos de interação social para manutenção das relações e da vida. A (auto)etnografia crítica proposto como método de pesquisa por Heewon Chang (2008) e investigada por Silvia Naara da Silva Pinto de Oliveira (2022) e as relações entre os letramentos e a sociolinguística investigadas por Ana Aparecida Vieira de Moura (2015) e Vângela do Carmo Oliveira Vasconcelos (2022), no âmbito do processo formativo de docentes para exercício na Educação do Campo corroboram para a compreensão dos sentidos da presença do sujeito no processo de legitimação modalidade de educação em questão a partir da concepção dela como “categoria de análise” (CALDART et al., 2011), da sociedade, da educação e dos sujeitos.

Celso Ferrarezi Jr. (2014; 2019; 2021) discute em suas abordagens sociolinguísticas questões referentes à necessidade de transgressão de uma pedagogia do silenciamento, que poda possibilidades de comunicação com mundo e de compreensão e inserção significativa nele, por meio da linguagem e da compreensão de seus sentidos de uso, o que converge com grito representativo de Miguel Arroyo (2012) por outras pedagogias em nossas escolas. A imbricação das intencionalidades das discussões dadas nessas significações por tais pesquisadores, complementados por outros, indica possibilidades de (trans)formação da práxis por meio da conscientização. Por que não começar dialogando com Educadoras e Educadores do Campo, em construção identitária, atuantes na EPNBraz, de forma coletiva, afetuosa e criativa no espaço-tempo da coordenação pedagógica coletiva? Meu papel de sujeita-pesquisadora, parte do contexto-campo de pesquisa, é convidar meus pares, vivenciar, propor, observar, ouvir, aprender com eles e registrar, buscando aporte teórico para propor diálogos sobre este processo e suas reverberações.

Tecidas as considerações sobre e enraizadas as intencionalidades sob as escolhas metodológicas e o contexto de pesquisa de cunho (auto)etnográfico, torna-se relevante dialogar sobre como o texto autoral pode ser centrado no circuito de cultura de Paul Gay et al. (1997), na perspectiva de compreensão da construção identitária relacionada à diferença, sobre a qual discorre Woodward (2014). O esquema seguinte funcionará como suporte para continuidade deste diálogo. Observemos-na.

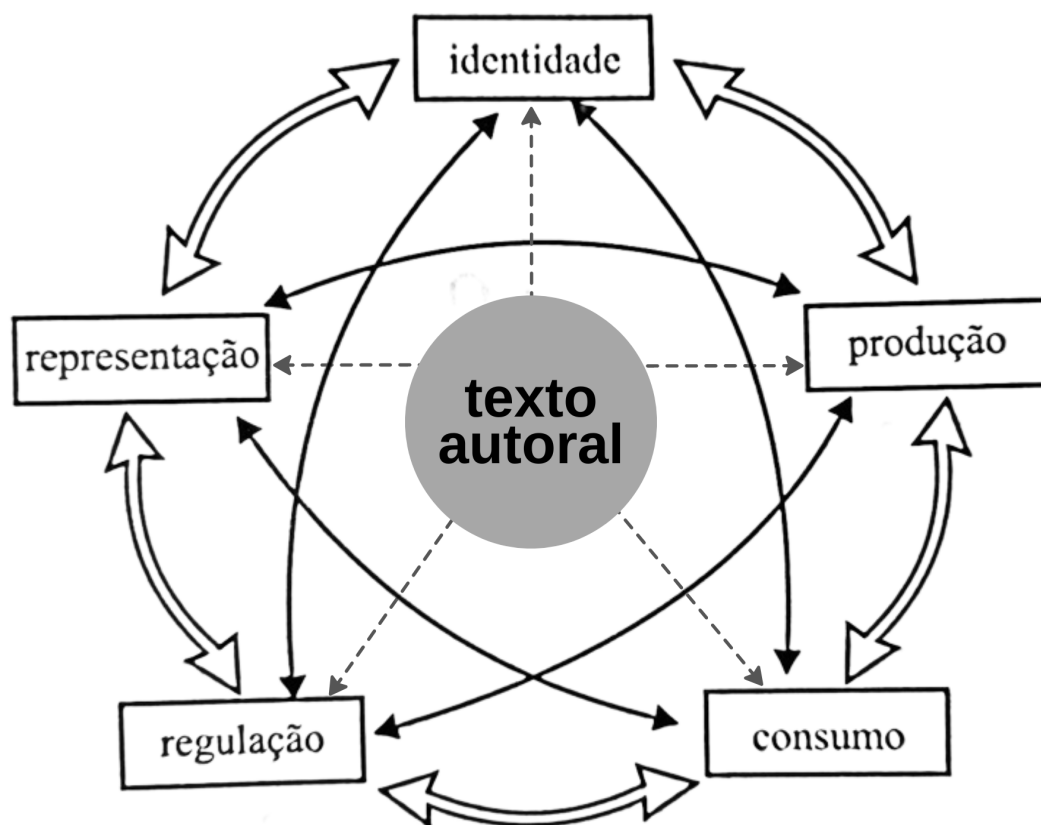


Figura 2 - O circuito de cultura, segundo Paul du Gay et al. (1997) *apud* Woodward (2014), centrado no texto autoral - modificação realizada pela autora deste trabalho.

Como o que está no foco desta investigação dialógica é a construção identitária viabilizada no espaço-tempo da Coordenação Pedagógica Coletiva da EPNBraz, começarei a discutir o círculo de cultura por meio do texto autoral pela identidade, considerando-a entranhada nos componentes: representação, produção, consumo e regulação, e eles nela, de forma indissociável. A identidade é construída, fixada, questionada e modificada por meio da linguagem. Portanto, o texto autoral contempla aspectos identitários ao passo que sistematiza recursos linguísticos disponíveis, com organização e intencionalidade própria, para representar o sujeito(-escritor) e o discurso que também o constitui. Neste caso, os sujeitos são as pessoas que atuam como Educadoras e Educadores do Campo no cotidiano da EPNBraz.

A representação - num sentido mais aproximado de performatividade - será desenhada pelos sentidos do que foi escrito, enunciando marcas identitárias desse sujeito(-escritor) associadas aos sentidos de atuação profissional na Escola do Campo, referenciadas nos princípios da Educação Básica do Campo do DF e referencial teórico que a fundamenta. O

texto autoral, como artefato cultural, produzido em contexto de reflexão que intenciona fomentar (trans)formações individuais e coletivas, tem efeito de regulação da vida social, principalmente no que tange ao exercício profissional, já que será partilhado e consumido como ferramenta de reflexão, (auto)educação e indicador de possibilidades de transgressão local da hegemonia de poder que permeia as políticas educacionais mais amplas.

Dessa forma, a produção textual contempla direcionamentos pessoais para objetivos comuns, institucionalizados, e disposições individuais para a luta consciente e crítica pela Educação do Campo, além de possibilidades de autoconhecimento e reconhecimento da função social e das responsabilidades assumidas por meio da profissão desempenhada em seu contexto específico de atuação, diferente. Cabe aqui, partilhar o que menciona Silva (2014) também sobre a performatividade, discutida por Judith Butler (1999), como conceito que

desloca a ênfase na identidade como descrição, como aquilo que é - uma ênfase que é, de certa forma mantida pelo conceito de representação - para a ideia de 'tornar-se', para uma concepção de identidade como movimento e transformação. (SILVA, 2014, p.92)

Isso porque, neste diálogo, as indicações de caracterizadores de identidades de Educadoras e Educadores do Campo foram elencados pelos próprios partícipes da pesquisa, evidenciando patamares diferentes de construção identitária. Nessa perspectiva, torna-se relevante mencionar Gayatri Chakravorty Spivak (2010), que, na obra *Pode o subalterno falar?*, chama atenção para a necessidade do cuidado do sujeito-pesquisador em não propagar práticas discursivas silenciadoras, que coloquem os sujeitos envolvidos no processo de pesquisa no lugar restrito de "outro" a ser representado, correndo o risco de exotizar sua presença e criar representações que encubram suas identidades e contribuições para a mudança social. Portanto, vale registrar aqui, com compromisso de manter este cuidado e o respeito com meus companheiros e companheiras de investigação, pessoas que me afetam e contribuem para minha construção identitária como gente, cidadã e Educadora do Campo, ao longo deste percurso e para além dele, que sou consciente de que,

Em geral, ao dizer algo sobre certas características identitárias de algum grupo cultural, achamos que estamos simplesmente descrevendo uma situação existente, um "fato" do mundo social. O que esquecemos é que aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla e atos linguísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente estamos descrevendo. (SILVA, 2014, p. 93)

Na sequência, os diálogos são direcionados para os sentidos das posturas de colher e acolher, as pessoas - sujeitos e seus processos de construção identitária profissional

relacionados às suas histórias de vida, considerando pensamentos, fazimentos e sentimentos individuais e coletivos no levantamento de dados para construção do corpus desta pesquisa vivida coletivamente, no espaço tempo da Coordenação Pedagógica Coletiva, organizado para viabilizar transformações por meio da formação continuada em serviço - ato de servir ao outro.

4.3 (A) colhimento de escritas de si na Coordenação Pedagógica Coletiva da EPNBraz

Ainda que as intencionalidades aqui sejam permeadas pelo compromisso de interferência na realidade, por meio da viabilização de processos de conscientização acerca da função social da Educadora e do Educador do Campo, sem objetivos disciplinares, vale trazer a citação feita por Foucault (1983) ao discorrer sobre a escrita de si. Citando Santo Atanásio sobre a anotação de ações e pensamentos como algo importante à vida ascética, em *Vitta Antonii*, Foucault chama a atenção para que “consideremos e escrevamos, cada um, as ações e movimentos de nossa alma, como para nos fazer mutuamente conhecê-los, e estejamos certos de que, por vergonha de sermos conhecidos, deixaremos de pecar, e nada teremos de perverso no coração” (FOUCAULT, 1983, p.144). Transpondo o discurso dessa citação para o contexto da Educação do Campo, torna-se viável propor ao ato de “pecar” a significação referenciada na manutenção de posturas que ignoram a necessidade de vinculação da educação viabilizada formalmente no campo com os modos de vida e produção cultural de seus sujeitos.

As Coordenações Pedagógicas Coletivas na EPNBraz são espaço-tempo em que são desenvolvidas de escritas criativas, espontâneas e multimodais desde sua criação, em 2014, já que o diálogo e a criatividade são basilares da sua constituição como lugar de educação integral dos sujeitos, considerando-os em sua omnilateralidade. De 2022 para cá, tenho proposto sistematicamente exercícios de escrita em nossos encontros, conforme a metodologia desenvolvida e em perene construção pelo Grupo de Pesquisa Educação Crítica e Autoria Criativa - Gecria (UnB/CNPq), coordenado pela Prof.^a Dra. Juliana de Freitas Dias e de que faço parte desde 2022. Tal metodologia é pautada nos três gestos da escrita criativa: impulso (alma), intuição (pele) e pulsação (corpo) que não seguem uma ordem para serem desenvolvidos e são interdependentes. Por meio desses gestos, no processo de escrita criativa espontânea e de si, os sujeitos desenhavam para si oportunidades de acessar seus conhecimentos e referências de uso da língua; eleger sua linguagem, colocar-se em processo de criação e fruição da escrita, desconstruindo limitações e bloqueios - muitas vezes provocados pelas

exigências de padrões hegemônicos de escrita na escola; e desenvolver outras formas de perceber o mundo e de perceber-se nele, fazendo-se presente no presente. Percebido a escrita como “prazer propositivo”, por um viés emancipatório que abraça os pressupostos da Sociolinguística Interacional, da Análise do Discurso Crítica e da Educação do Campo.

Nesse sentido, defendo a escrita no contexto desta pesquisa como forma de intensificar a reflexão, o autoconhecimento, a autolocalização no processo de construção identitária como Educadora e Educador do Campo. É um movimento que pressupõe um percurso investigativo (trans)formativo em espiral, partindo do individual para o coletivo e para ele retornando, à medida que as impressões, sentimentos, descobertas, leituras e construções vão sendo compartilhadas e postas como pauta nos diálogos institucionais e para além deles, já que, como menciona Foucault (1983), é um movimento que se trata “não de buscar o indizível, não de revelar o oculto, não de dizer o não-dito, mas de captar, pelo contrário, o já dito; reunir o que se pôde ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si”. (FOUCAULT, 1983, p. 149)

4.3.1 Construção do *corpus*: oficina de escrita criativa

A EPNBraz é uma Escola do Campo em construção inserida num contexto territorial em que a Educação do Campo como modalidade de ensino também está em construção. Nessas circunstâncias, no cotidiano escolar dançam, em ritmos diferentes, mas sempre juntas, contradições e possibilidade, em dialogicidade. Isso converte esse cotidiano, com os diversos momentos, espaços e relações que compõem sua rotina, em fonte, travessia e coleção de informações que podem ser utilizadas como dados para pesquisas relacionadas, sejam elas registradas formalmente ou não. Para esta pesquisa, foram realizados sucessivos recortes do cotidiano escolar e das questões que significam a construção da epistemologia da práxis e dentro dela as questões identitárias até que chegamos ao enquadre da Coordenação Pedagógica Coletiva local como espaço-tempo de construção identitária de Educadoras e Educadores do Campo.

Nesse enquadre, para compor o corpus, a opção foi por uma metodologia já conhecida pelo grupo pesquisado(r): a oficina de escrita criativa, conforme a metodologia desenvolvida no âmbito do Gecria. Durante a oficina foram desenvolvidas atividades como: meditação, leituras, rodadas de conversa, partilhas reflexivas e exercícios de escrita. No entanto, para

composição do *corpus* desta pesquisa, devido à amplitude dela, optamos pelo uso somente dos textos elaborados nos exercícios de escritas, visto que eles sistematizam as marcas desenhadas ou evidenciadas na consciência de seus sujeitos-autores ao longo do processo criativo, acessando informações, reflexões e memórias pessoais e profissionais. Nesta parte do texto foi pensada para descrever essa oficina. Pretendo fazê-lo de forma imparcial, visto que o objetivo é elucidar a metodologia, o que não exige o texto de ser impregnado em alguma medida de minha interpretação da realidade pela ótica do lugar vivencial de mediadora e também de parte da equipe que inspira e aprende diariamente em interação com as outras partes.

A oficina de escrita criativa foi desenvolvida na manhã do dia três de maio de 2023, na véspera da assembleia geral do Sindicato dos Professores do Distrito Federal - SINPRO-DF, em que se confirmou a decisão de início da greve de professores em reivindicação à recomposição salarial e outras questões essenciais à carreira magistério. Como em todas as quartas-feiras em que as atividades referentes à coordenação pedagógica são desenvolvidas dentro da escola, começamos com café da manhã coletivo com todos os componentes da equipe escolar que atuam neste dia da semana presentes. O combinado para o café da manhã é que cada colega leva o que pode, se assim desejar. Esse é o momento de acolhimento de todos por todos, são dados os abraços, desenroladas as conversas, reforçados os vínculos. Durou cerca de 30 minutos. Depois, expliquei que precisava de apoio do grupo na sistematização de uma atividade relacionada ao trabalho de conclusão do curso de especialização em Educação do Campo e que conversaríamos um pouco sobre ela, porque a escola com todas as pessoas que fazem parte dela compõem o processo formativo em questão. Todos foram convidados a permanecer e participar de forma mais direta, se fosse possível e desejado. Dos 27 colegas que estavam na escola, permanecemos 17: diretor, vice-diretor, supervisora pedagógica, coordenadoras pedagógicas, assistentes técnico-administrativas, docentes, auxiliares de limpeza e conservação.

Dispusemos as carteiras escolares da sala em U. Com cada colega no lugar que escolheu, os convidei concentrarem-se em seus corações, como se estivessem por inteiro centralizados no coração, e respirar devagar e profundamente enquanto iam fechando os olhos, assentando os pés por completo no chão, afastando um pouco os joelhos, colocar as mãos sobre as coxas com as palmas viradas para cima. Já com o corpo acomodado, com a proposta de nos fazermos todos presentes no presente, para melhor pensá-lo, sugeri que o grupo acessasse lembranças da infância, em lugares de felicidade, com pessoas importantes e

de como se sentiam. Após cinco minutos nesse processo meditativo, todos foram abrindo os olhos, em seus tempos e modos, enquanto alongavam o corpo, bocejando e empurrando as palmas das mãos, unidas pelo entrelaçamento dos dedos, para cima. A primeira rodada de partilhas foi aberta com o convite para que quem desejasse relatar a experiência da meditação o fizesse.

Com o trabalho elaborado para apresentação à banca de qualificação desta pesquisa na tela do televisor da sala, conversamos sobre os objetivos da pesquisa, a importância da participação do grupo no processo e sobre como havia pensado em viabilizar esse espaço de participação direta. Fizemos a leitura coletiva e dialogada do resumo da primeira versão do trabalho e de trechos de obras de Paulo Freire e Nita Freire que elucidam o processo de construção epistemológica da significação da palavra boniteza, considerando indissociáveis em sua adoção como postura os sentidos da ética, da bondade e da estética. Lemos e comentamos também os princípios da Educação do Campo elencados na Portaria SEEDF nº 419/2018. Desenvolvemos um debate pós-leitura, considerando a dialogicidade entre esses princípios e os sentidos da palavra boniteza, estabelecendo relações contrapostas e dialógicas com os sentidos da palavra feiura¹⁴.

Vale ressaltar que, no cotidiano da EPNBraz as palavras boniteza e feiura, na perspectiva das teorizações educacionais freireanas, foram naturalizadas em decorrência de colegas terem observado o uso dessas palavras por esta pesquisadora, desde antes de ela compor oficialmente a equipe escolar, e perguntando sobre as origens delas. Isso oportunizou estudos coletivos, discussões e reflexões críticas relacionadas e inspiradas por textos em que as palavras aparecem. Assim, são palavras que permeiam organicamente os atos comunicativos orais e escritos no dia a dia escolar, sobretudo quando se dialoga na perspectiva epistemológica da práxis, tendo servido, por isso, como ponto de partida para a reflexão sobre o uso do espaço-tempo da Coordenação Pedagógica Coletiva para a viabilização de processos que fomentem a construção e/ou o reconhecimento identitário como Educador(a) do Campo.

Emendada na discussão, foi proposta uma tempestade de ideias para que cada componente da roda de conversa sintetizasse o que lhe foi significativo ouvir, falar, descobrir, considerar, compreender, sentir. Durante três minutos, todos respiraram fundo e depositaram suas palavras (ou termos) soltas no papel, da forma que lhes pareceu interessante organizar.

¹⁴ Conforme Freire (2021), que aprofundaremos adiante.

Leram para si e depois acharam importante partilhá-las com o grupo. Depois registraram na folha: idade, profissão, naturalidade e local de residência. Na sequência combinamos o exercício de escrita seguinte. Como mediadora, eu contaria o tempo, iniciaremos com uma pergunta sugestiva e a cada cinco minutos eu traria outra, para inspirá-los na escrita sobre a relação entre nossos encontros no espaço-tempo da Coordenação Pedagógica Coletiva e como nos percebemos na implementação da Educação do Campo.

Tais perguntas poderiam ser utilizadas ou não, aparecer no texto ou não, e também poderiam ser modificadas conforme o desejo deles. Eu avisaria sobre a pergunta e a escreveria no quadro para que a visualizassem quando quisessem, se sentissem necessidade. Acordamos ainda, a exemplo de outras oportunidades de escrita inspiradas na metodologia do Gecria, que todos escreveriam sem parar, respeitando seu ritmo e sem se preocupar com questões formais nem com as desnecessárias “gramatiquices” (FREIRE, 2020, p. 95), pois tudo que eles pudessem registrar seria valoroso em termos de construção de conhecimento. Assim procedemos. As perguntas sugeridas foram, respectivamente: 1) Quem é você?; 2) O que te vincula ou como você se vincula à Educação do Campo?; e 3) Nossas Coordenações interferem na sua relação com a Educação do Campo?. As palavras (a)colhidas na tempestade de ideias poderiam ser inseridas diretamente no texto, substituídas por referências ou correspondentes serem ignoradas.

Investidos 15 minutos na escrita sem parar, avisei do término do tempo combinado, marquei mais dois minutos para conclusão do raciocínio, para o caso de alguém não ter concluído. Depois, combinamos a continuidade do exercício: todos leriam seus textos, cortando as palavras que julgassem desnecessárias, modificando as que desejassem modificar, revendo as questões ortográficas, pontuação e outros aspectos, se assim desejassem. O importante era ler o texto com atenção plena e com o cuidado de quem se lê, visto que nós somos também os nossos textos. Apreciados e ajustados os textos como expressão de si, foi aberto o espaço para partilha, caso desejassem. Todos se manifestaram pedindo vez para leitura. A regra: não deveriam se desculpar por seus textos nem compará-los com os de ninguém. As leituras foram feitas e acolhidas com atenção pelos demais. Durante as leituras, emoção, manifestações de concordância e representatividade. Ao final de cada leitura, aplausos, comentários reflexivos sobre o que estava sendo exposto de cada sujeito em seu texto e uma conscientização imbricada na emoção demonstrada.

Nos encaminhamentos finais das partilhas e (a)colhimento das escritas de si, perguntei aos colegas se gostariam de criar pseudônimos para que eu pudesse elencar as produções na sistematização da pesquisa de forma anônima. Em unanimidade, para minha satisfação de aprendiz, questionaram-me sobre a possibilidade de serem citados pelo próprio nome. Conversamos sobre os cânones acadêmicos e acordamos que eu faria a tentativa de manutenção de seus próprios nomes e sobrenomes no trabalho. Alguns indicaram seus pseudônimos, comentando as razões de suas escolhas, mas todos assinaram seus textos, reconheceram suas autorias e se reconheceram nelas, com orgulho. Fechamos a atividade dialogando sobre a importância da educação coletiva. Quando eu agradecia pela disponibilidade e interesse do grupo em participar diretamente do trabalho, outra rodada de conversa foi desenvolvida e as colocações foram consonantes, no sentido de valorização do espaço-tempo da Coordenação Pedagógica como oportunidade de construção de conhecimento. Tendo sido relatado, de forma geral, como se deu o processo de (a)colhimento das escritas de si dos partícipes desta pesquisa, estão ampliadas as condições de desenvolvimento de processos de análise do *corpus* na próxima parte desta tessitura.

4.3.2 Análise do *corpus*

Dando continuidade aos diálogos, abordaremos o *corpus*, concebendo-o na mesma perspectiva de Trask (2006, p. 68), que o define como “um conjunto de textos escritos ou falados numa língua, disponível para análise”. O *corpus* desta pesquisa foi composto pelos textos escritos pelos componentes do grupo pesquisado(r), abordando aspectos discursivos marcados pelo léxico e pelos processos de significações para construção de sentido, localizados nas interfaces política e ontológica da Educação do Campo com Sociolinguística Interacional e a Análise do Discurso Crítica. Os textos são a parte que sintetiza os sentidos de uma interação verbal direta mais ampla, constitutiva de papéis sociais, num contexto de diálogo (trans)formativo sobre constituir-se educador do campo numa Escola do Campo em construção, portanto contexto de construção identitária, situada no espaço-tempo da Coordenação Pedagógica Coletiva da EPNBraz.

Para bem prosseguirmos em diálogo, vale registrar aqui um entrelace teórico. Bortoni-Ricardo (2019, p.147) pontua que “a Sociolinguística Interacional rejeita a separação entre língua e contexto social e focaliza diretamente as estratégias que governam o uso lexical, gramatical, sociolinguístico e aquele decorrente de outros conhecimentos, na

produção e contextualização das mensagens”. O pensamento da autora converge com o de Fairclough (2003) que, por sua vez, elucida que textos que compõem eventos sociais têm efeitos causais sobre as pessoas, provocando mudanças nelas e em seus meios de atuação. Isso porque em curto prazo modificam o conhecimento que temos, por serem instrumentos de sua construção, e provocam também efeitos duradouros que interferem na construção identitária. Portanto, podem contribuir para as transformações na educação, à medida que viabilizam processos de significação em seu contexto (FAIRCLOUGH, 2003). Corroborando com o exposto, Magalhães, Martins e Resende (2017, p. 42) frisam a partir das formulações de Fairclough, que o “processo discursivo ancora-se em três pilares e por meio deles se reproduz: os textos, as práticas discursivas e as práticas sociais”.

Dessa forma, considerando o sujeito e o uso que ele faz da linguagem para desenvolver práticas discursivo-identitárias em textos e posicionar-se política, ideológica e socialmente e também para construir conhecimento individual e coletivamente dentro do contexto de implementação da modalidade de ensino Educação do Campo, justifico a opção por situar a análise deste *corpus* nas interfaces política e ontológica da Educação do Campo com Sociolinguística Interacional e a Análise do Discurso Crítica. O (a)colhimento das palavras que permaneceram movimentando as reflexões do grupo após as leituras e rodadas de conversa na tempestade de ideias funcionou como prévia e porta de entrada dos textos nos sujeitos-autores. Deu-se neste processo uma pré-sistematização das ideias - representações subjetivas e particulares de um sujeito, portanto individual -, com vistas à contribuição para a construção dos pensamentos - algo já destituído da carga representacional do sujeito cognoscente, portanto perceptível num enunciado de forma objetiva -, fazendo referência à perspectiva desta diferenciação entre ideia e pensamento por Gottlob Frege (2009). Por isso, torna-se relevante iniciar a análise por elas. Então, a Figura 3, a seguir, organiza essas palavras numa nuvem¹⁵, de forma que quanto maior e mais centralizada nela estiver a palavra indica que por mais vezes ela foi mencionada por sujeitos do grupo pesquisado(r) em suas escritas de si.

¹⁵ A nuvem de palavras foi construída pela autora deste trabalho, utilizando as ferramentas eletrônicas disponíveis do site: www.mentimeter.com, em 24 de junho de 2023.

concordando com a explicação da pedagoga e doutora em educação Nita Freire¹⁶ (2021) sobre uso freireano dessa palavra como

metáfora de sublimação, no sentido de engrandecer, de exaltar o bonito e o sério. Metáfora do elegante, do louvável no processo civilizatório, do poético, do *fazer* com responsabilidade, eficiência e amorosidade, a palavra *boniteza* reúne nela mesma compreensões além do bonito, da beleza e da ética, carrega signos, significados, significações, contemplação, compaixão, desopressão, interesses legítimos, precisão (no sentido de carência), para plenificar-se no templo a grandeza humana, do nirvana, do ato de qualificar o que temporariamente, a história e a ciência permitem criar. (FREIRE, 2021, p. 18)

Dessa forma, reconhecendo contradições comuns ao território brazlandense e da EPNBraz como escola do campo em construção integrada a ele, o grupo também sinaliza a compreensão e uso da palavra feiura para agregar sentidos referentes às injustiças sociais e práticas discursivas de opressão, opondo sua significação à da palavra *boniteza* e/ou reconhecendo como *boniteza* a conscientização acerca dos sentidos da feiura. A educação, pensada também na coexistência e dialogicidade entre os sentidos de *boniteza* e feiura, é considerada pelo grupo tanto de forma ampla, como ferramenta universal de formação e transformação e de forma mais específica, como direito que precisa ser garantido ao sujeito do campo no campo em consonância com os modos de vida camponeses. A Escola do Campo como espaço de educação popular é sinalizada como forma de avançar na luta por justiça social, como propõe e fundamenta o MST e as diferentes organizações que reconhecem a necessidade de transpor a dicotomia urbano-rural que historicamente fomenta a rejeição das culturas camponesas. Romper as barreiras de classe e legitimar os modos de ser e as culturas dos moradores do campo lhes garante exercer sua cidadania com dignidade, amenizando a ocorrência e as consequências do êxodo rural por falta de trabalho ou negação da identidade camponesa.

Nessa perspectiva, sinalizaram conceber a construção identitária como Educadoras e Educadores do Campo como processo necessário para efetivação dos princípios da Educação do Campo que exige consciência política, crítica social, criticidade, liberdade de construção, humanidade, pesquisa, aprendizado, afeto, ética, bondade, contemplação do belo e trabalho na assunção de uma missão pautada em valores e numa visão de mundo em que a coletividade serve para afetar e provocar mudanças na sociedade. Esse processo identitário é posto pelo

¹⁶ Ana Maria Araújo Freire, pedagoga e doutora em educação pela PUC - SP, Dona Nita casou-se com Paulo Freire em 1988 e desde o falecimento do educador, em 1997, é responsável legal por sua obra e pela difusão de seu legado.

grupo como parte da luta pelo direito à Educação do Campo no Campo. Não há romantização quanto às dificuldades e possibilidades de choques entre os interesses populares e das classes dominantes, como do agronegócio, por exemplo. Tampouco entre o olhar colonizado e os processos de conscientização acerca disso. Porém, é demonstrado otimismo e disposição para se colocar ou se manter num processo de construção de conhecimento em espiral, para compreender os processos discursivos e o que há intencionalidades por trás deles. Não demonstraram, em grupo, medo de sentir os calos que o trabalho com a Educação do Campo deixa nas mãos dos sujeitos que criam laços com ela, nem de compreender o que há debaixo deles a respeito de si e em respeito ao território que povoam, como sujeitos omnilaterais e agentes de transformação social.

Esse panorama geral abriu janelas por onde podem ser observadas e analisadas as práticas discursivo-identitárias trazidas nos textos autorais elaborados no âmbito da Coordenação Pedagógica Coletiva na EPNBraz relacionadas à construção identitária de educadoras e educadores do campo, com foco na construção discursiva de identidades na macrocategoria semântico-discursiva identificacional, diretamente relacionada com as macrocategorias representacional e acional. Para fruir as análises dos textos, tomei como base quatro aspectos que, na agenda de defesa da Educação do Campo e considerando os sujeitos em suas práticas discursivo-identitárias, podem ser localizados nas interfaces política e ontológica da Educação do Campo com Sociolinguística Interacional e a Análise do Discurso Crítica: 1) características gerais; 2) autorrepresentação dos sujeitos; 3) escolhas lexicais; e 4) concepção do contexto. Todos os textos haviam sido lidos por seus autores e comentados pelo grupo pesquisado(r), mas ao relê-los, conhecendo os sujeitos que se escrevem em cada um deles, encontrei-me em suas entrelinhas, representada, respaldada na assunção de agência, instigada a prosseguir dialogando com meus pares na, pela, para e com a Educação do Campo. Portanto, as análises seguintes têm profundidades e levezas interpretativas.

Texto 1

Autoria: Juliana Azevedo Santos (Aprendiz) - 41 anos; Professora; do Rio de Janeiro; residente em Águas Claras - DF.

Quem é você?

Sou uma mulher negra, brasileira, filha de lutadores, irmã de um pai de família, sensível, aprendiz da profissão, música, grata a Deus.

O que ou como você se vincula à Educação do Campo?

Na conscientização por meio das reuniões pedagógicas, observando o comportamento dos alunos (maneiras e habilidades deles).

Nossas Coordenações Pedagógicas Coletivas interferem na sua relação com a Educação do Campo?

100% sim! Por isso que é muito importante os estudos e debates/conversas que fazemos nas coordenações (e fora também...). (AZEVEDO, 2023, escrita espontânea realizada para esta pesquisa)

O texto foi estruturado como questionário, respondendo sequencialmente as questões norteadoras sugeridas. A autora desenvolve sua autorrepresentação, indica os caminhos que reconhece para vinculação com a Educação do Campo e afirma a valorização dos processos formativos em serviço para implementação da modalidade de ensino. Para introduzir o texto a autora responde quem é, ressaltando seu gênero, sua negritude, ancestralidade e assumindo sua sensibilidade como aspecto comum à sua humanidade. A autorrepresentação é iniciada pela declaração de gênero e assunção de sua negritude, seguida - por complementação - à qualificação da ancestralidade, valorando a família como instituição e meio de formação humana, inclusive no que tange à religiosidade. Ao declarar perceber-se aprendiz da profissão, a partícipe da pesquisa sinaliza a concepção de educação como processo contínuo e ininterrupto que atravessa o exercício profissional. A posição em que a autodeclaração como música é elencada no texto permite sua interpretação tanto pelo viés profissional, na docência e na atuação musical, quanto pelo viés da satisfação pessoal, assim como pela junção dos dois.

No texto em análise são feitas escolhas lexicais que convergem com os sentidos do campo semântico da Educação do Campo. As palavras conscientização, lutadores, observando, maneiras, estudos, debates e conversas remetem aos processos de construção coletiva que permeiam a concepção de Educação do Campo, desenrolados e legitimados em meio a contradições de diferentes naturezas e centrados nos sujeitos como agentes de transformação social a partir da transformação do sujeito na interação com outros sujeitos. Ao mencionar que se vincula com a Educação do Campo observando os estudantes, a autora demonstra consciência acerca da necessidade de saber sobre os sujeitos do campo com quem convive no cotidiano escolar, reconhece que há diferenças entre seu contexto de vida e ancestralidade e dos estudantes e assume uma postura de humildade, contemplação e busca de acolhimento mútuo. Com tal postura, ela indica a intencionalidade e a satisfação de aprender enquanto exerce sua função de ensinar. Além disso, demonstra conceber a Coordenação Pedagógica Coletiva na EPNBraz como espaço-tempo importante para sua construção

identitária como Educadora do Campo já iniciada, devido aos conhecimentos que são compartilhados, aprofundados, expandidos e construídos em coletividade ou a partir dela, colocando numa relação de dialogicidade propositiva, e não de dicotomia, as próprias vivências (urbanas) e as vivências dos estudantes (na maioria das vezes, camponesas).

Texto 2

Autoria: Mirelle Pereira do Nascimento (Caliandra) - 31 anos, Professora de Educação Física, de Brasília-DF, residente em Brazlândia-DF.

Quem é você?

Mirelle Pereira Nascimento, filha de Marineth Pereira Nascimento e Alberto Carlos Mendes do Nascimento, caçula de seis irmãs, cria de Samambaia-DF e cria da escola pública. Sou a soma de experiências vividas, algumas apropriadas, outras descartadas. Sou esperança e desespero. Sou resistência e cansaço. Sou caos e clareza. Sou dor, mas sou conforto. Sou memórias, que me lapidaram e me ensinaram a enxergar o que eu sou, o que quero ser. Sou gratidão, sou espontânea, sou ansiosa, sou perfeccionista, sou sonhadora, sou linda!

O que ou como você se vincula à Educação do Campo?

Que pergunta difícil de ser respondida!

Ainda tenho aprendido a fazer parte, a ser sensível, a ser campo, a compreender, conhecer, reconhecer, analisar e perceber a minha e a realidade de nossos alunos.

Nossas Coordenações Pedagógicas Coletivas interferem na sua relação com a Educação do Campo?

A Educação do Campo sempre foi um tema distante da minha formação acadêmica até chegar à EPNBraz, em 2019. Uma escola que é e se reconhece como Escola do Campo. As coordenações são um espaço integrador e norteador de conhecimentos sobre princípios, dificuldades que permeiam a Educação do Campo. (NASCIMENTO, 2023, escrita espontânea realizada para esta pesquisa)

O texto 2 também foi estruturado pela autora em forma de entrevista, respondendo as perguntas norteadoras sugeridas em sequência. Nele Mirelle é definida a partir de sua ancestralidade, localizada na genealogia e situada social e territorialmente pela menção de seu local de origem e vinculação pessoal com a escola pública. Ao contrapor substantivos para sinalizar a materialidade das vivências, o texto coloca a autora na condição de corpo-casa de intensa dialogicidade entre aspectos sinalizados por ela como potencialidades e vulnerabilidades em sua constituição como sujeita omnilateral, constituída nas e pelas interações. O texto também condiciona o leitor à percepção da autora em meio a um processo

de construção de si passível de interferências diretas e simbólicas de diferentes naturezas. A sequência de características de ordem psicológica finaliza com um adjetivo que normalmente é posto como característica física em atendimento de um padrão. Isso direciona o adjetivo “linda” para um outro campo semântico, consonante com a constituição processual e simbólica da estética por meio da valoração dos sentidos.

Quando aborda a vinculação da autora com a Educação do Campo, o texto escrito se aproxima da oralidade e sinaliza a segurança da autora em assumir-se em processo de construção como Educadora do Campo, o que é posto como uma dificuldade em relação à precisão na formulação das declarações relacionadas à modalidade de ensino. O texto evidencia o êxodo de Mirelle do contexto social totalmente urbano para o rurano como oportunidade de aprender e contribuir vivenciando-o e interagindo com ele. Ao abordar a interferência das Coordenações Pedagógicas Coletivas da EPNBraz na relação da autora com a Educação do Campo, o texto traz o protesto pelo distanciamento da formação acadêmica da modalidade de ensino e categoria de análise e coloca os encontros para coordenação como espaço-tempo integrador e norteador, de construção de conhecimento para reversão desse distanciamento e qualificação da atuação profissional, com vistas à construção identitária consonante com a identidade escolar campesina.

Texto 3

Autoria: Alan Ribeiro (Ribeiro) - 38 anos, Professor, de Brasília-DF, residente em Brasília-DF.

Sou uma pessoa que trabalha com afinco e afim de fazer sempre o melhor que posso, sou uma pessoa que ama estar em família, entre amigos e fazer coisas que aquecem o coração, não necessariamente boa ou má pessoa, mas alguém que apesar de tudo ainda acredita que em algum momento tudo valerá a pena e de alguma maneira vidas podem ter sido melhoradas, histórias estão sendo modificadas pelo simples fato de estarmos vivendo momentos juntos.

A Educação do Campo entrou na minha vida muito antes de eu entender o que era Educação do Campo, vindo de um pai campesino, que para mim era só quem amava o mato e o meio rural, convivendo com aquela realidade percebo hoje que muito além de ensinar “o campo”, devíamos beber do campo e trocar com o mesmo. Educação do Campo é oportunidade, educação do campo é reconhecimento, educação do campo é entender as diferenças.

Muito além do sentido das coordenações como parte do ato obrigatório do trabalho, compartilhar com pessoas mais próximas ou mais distantes da realidade do campo, além de influenciar, mudaram e continuam

mudando minhas perspectivas e me dão esperança de que a Educação do Campo passará a ser enxergada e respeitada como algo natural, onde a luta para que ela aconteça vire apenas uma história a ser repassada para as futuras gerações. (RIBEIRO, 2023, escrita espontânea realizada para esta pesquisa)

Ribeiro preferiu estruturar o texto 3 em prosa, norteando-se pelas perguntas sugeridas, mas sem mencioná-las. O texto apresenta o autor a começar pela postura que ele escolheu para exercer sua profissão, permeados pelos valores familiares e reverberações das convivências que lhes são significativas. Não é feita separação entre os processos de atuação de Ribeiro no contexto social e seu processo de formação humana, o que sinaliza a imbricação de um no outro e admite a possibilidade de diferentes interpretações a respeito disso. É apresentada uma visão esperançosa de que, em coletividade, seja possível enfrentar as contradições e transformar a realidade em função do bem comum. O texto detalha, utilizando palavras que marcam o tempo para anunciar o contínuo formativo da infância para a vida adulta, a vinculação do autor com a Educação do Campo dada de forma prática, vivencial, numa visão de mundo constituída pela ótica de convivência e amor pelo pai e de sua relação com o campo, como lugar de manutenção e significação da vida.

Pelo texto, Alan não dá sinais de que foi afetado nem colonizado pela dicotomia entre urbano e rural, pois reforça a perspectiva de concepção do campo como lugar de propositividade. O autor registra assinala as questões de gestão democrática e participativa no texto ao mencionar a obrigatoriedade de realização das Coordenações Pedagógicas numa perspectiva do pessoal para o coletivo de transposição dos protocolos administrativos para alcance da formação humana como aspecto de fomento da qualificação do processo de implementação da modalidade de ensino Educação do Campo. Isso remete ao reconhecimento da Coordenação Pedagógica Coletiva como espaço-tempo de construção identitária de Educadoras e Educadores do Campo.

Texto 4

Autoria: Mirian Dias Rodrigues (Mira) - 43 anos, Professora, de Almas-TO, residente em Brazlândia-DF.

Sou uma soma de meus antecedentes, onde me diferencio na boniteza, e dando graças a não ser formada no meio de tanta feiura. Olhando para essa transformação agradeço a oportunidade que todos me deram para essa formação, e que ainda está em processo.

Meu vínculo com a educação do campo vem de berço. Nasci e cresci em meio camponês, então conviver com esses povos e cultura de perto me

fazer enxergar de perto a necessidade que têm de uma educação melhor e igualitária.

Quando saí do meio do campo, ocupando outros espaços na sociedade, afastando cotidianamente da cultura camponesa e sendo hoje professora EPNBraz, vivenciando com povos (alunos) do campo voltou-me o olhar para educação do campo. Tendo as coordenações como ajuda para reflexões, faz ver e enxergar, ou reviver o que esta comunidade campesina necessita enquanto educação para transformação. (RODRIGUES, 2023, escrita espontânea realizada para esta pesquisa)

A autora elaborou sua tessitura textual em prosa, sem menção direta às perguntas norteadoras sugeridas. Reconhecendo-se Mira, como lhe chamava o avô, descreveu-se no texto considerações as influências ancestrais em sua identidade, mas se posicionando numa perspectiva diferenciada, indicando negação daquilo que discorda de sua ancestralidade em termos de princípios. Para marcar essa diferenciação, o texto traz a contraposição dos sentidos das palavras boniteza e feiura na perspectiva freireana de indissociabilidade do belo, do bom e da ética nas interações com o mundo e nas intervenções nele. No agradecimento pela oportunidade de se integrar à EPNBraz, há indicação de reconhecimento de início de novos processos de conscientização, inclusive no que tange aos vínculos pessoais com a Educação do Campo. As vivências pessoais desde a infância em contextos camponeses são postas como forma de legitimar a assunção da agenda da Educação do Campo como direito. As Coordenações Pedagógicas Coletivas são trazidas no texto como espaço-tempo de construção identitária da Mira Educadora do Campo, ao passo que mencionada como foco de atenção dentro do processo de conscientização que suas vivências no âmbito da EPNBraz têm viabilizado ao acionar memórias e direcioná-la para a construção de relações entre suas vivências de outrora e sua função social assumida no contexto de implementação da Educação do Campo em Brazlândia.

Texto 5

Autoria: Graciany Marcelle dos Reis Sabino (Kings) - 26 anos, Professora, de Brasília-DF, residente em Brazlândia - Vila São José.

Sou natural de Brasília, nascida e criada em Brazlândia. Uma mistura que é resultado de onde nasci, das pessoas que vieram antes de mim e das que me rodeiam e onde estive. Várias questões me atravessam quando tento responder a essa pergunta (Quem é você?), pois ainda não estou “pronta” e acredito que estarei sempre em construção e quem eu sou está em constante movimento.

A educação do campo me rodeia principalmente por conta do meu vínculo emocional e social com o território em que nasci, que é rodeado pela

população campestre. Hoje minha maior ligação com a educação do campo se dá na EPNBraz, vivenciando diariamente seus princípios.

As coordenações me aproximam ainda mais dos princípios da educação do campo, me trazendo diversas perspectivas desse movimento social, cultural, político e econômico que muitas vezes vivenciamos na prática e não conhecemos seus conceitos. (SABINO, 2023, escrita espontânea realizada para esta pesquisa)

O texto de Graciany foi estruturado em prosa, dialogando com as questões trazidas para possível norteio da escrita, sem se prender a elas. O texto está centrado na construção identitária da autora. Nele, ela é autorrepresentada como sujeito omnilateral que não percebe sua incompletude como vulnerabilidade, mas sim com possibilidade de melhor compreender-se por meio das vinculações com o território onde tenha os sentidos da vida enraizados. O texto anuncia, por meio da opção lexical pelos termos: território, movimento, população campestre, movimento social, cultural, político e econômico e conceitos, a assunção da responsabilidade social e postura crítica da autora em relação aos processos de conscientização acerca dos princípios da Educação do Campo e de como eles se manifestam e permeiam sua práxis como Educadora do Campo em construção. Na declaração de reconhecimento de vínculo emocional e social com o campo brazlandense sem residir nele, o texto indica criticidade em relação às práticas de exploração e desvalorização do campo pela cidade, alimentadas pelo discurso dicotômico que privilegia os modos de vida urbanos. Nesse sentido, a Coordenação Pedagógica Coletiva na EPNBraz é reconhecida como espaço-tempo de construção identitária da Educadora do Campo por aproximá-la dos princípios que sustentam a modalidade de ensino em seu cotidiano, contraditório, porém possível, de implementação.

Texto 6

Autoria: Lucas de Souza Amador (Pescador de Vivências), 29 anos, Professor e músico, de Brazlândia-DF, residente em Águas Lindas de Goiás - GO

Quem é você?

Sou rastros, caminhos, fruto de meu pai e minha mãe, mas também sou árvores, casa, estrada, feito por mim mesmo. E livro, carta, pois a cada dia escrevo e reescrevo a minha história, também sou músico, pois a cada batida do meu coração ou a cada suspiro, ponho melodia no mundo. E sou professor, que ensino e aprendo com meus alunos que vivem um contexto de Educação do Campo, no qual eles têm a sua identidade e os seus costumes, alunos fortes, felizes e ao mesmo tempo mostram mesmo que por entrelinhas cargas de tristeza e sofrimento. Por isso, sou gente, pois preciso, para tentar compreender essas vivências, já que a educação do campo me encantou e

hoje eu a vivo! O dia a dia da Escola Parque me ajuda a entender todo esse peso, já que historicamente o campo é rejeitado pelo que as pessoas têm a oferecer e só é entendido como uma fonte de extração e de lucros. Mas quando entendemos tudo que há além, aprendemos mais com nossos alunos do que eles com a gente. Essa troca nenhum dinheiro pode pagar, já que prefiro o aluno com calos e tristeza no olhar o “importante” com o sorriso vazio... (AMADOR, 2023, escrita espontânea realizada para esta pesquisa)

O texto 6 foi estruturado em prosa poética. “Quem é você?” foi posta como questão fundante do texto, sendo posicionada como título. Metáforas foram elencadas para materialização dos sentires e das reflexões que permeiam a autorrepresentação do autor e o fomento de sua construção identitária como Educador do Campo por meio do reconhecimento de vinculações pessoas com os modos de vida camponeses e com a Educação do Campo. As escolhas lexicais para autorrepresentação direcionam para a consideração da dialogicidade entre a condição de sujeito em construção e o reconhecimento de uma visão de mundo que serve ao autor como raiz, como elemento que o centra em sua forma criativa de relacionar-se com a sociedade e lhe proporciona sentimento de legitimidade e pertença. Quando o texto traz o reconhecimento das dificuldades enfrentadas pelos estudantes camponeses e o acolhimento dos sentimentos contraditórios que a rotina escolar lhes provoca, quando lhes provoca, aponta para a identificação entre professor e estudantes principalmente do que diz respeito aos sentires relacionados às vivências escolares e ou para permanência na escola. Essa identificação, por sua vez, direciona, perpassando os sentidos dos princípios da Educação do Campo, a construção identitária do autor como Educador do Campo para o espaço-tempo da de reflexão e construção epistemológica da práxis na Coordenação Coletiva Pedagógica da EPNBraz.

Texto 7

Autoria: Dayane de Oliveira Coelho (Caçador de Sonhos) - 35 anos, Professora, de Brasília - Brazlândia, residente em Brazlândia;

Eu sou o retrato ou também um produto de tudo e todos que vieram antes de mim. Um sujeito em construção que ama a vida, as coisas simples e que também gosta de gente. De sorrir, divertir, brincar e outras cositas a mais. KKKK.

Amo minha família, meu trabalho e esses dois lados caminham juntos e é o que me fortalece dia após dia. Me percebo sujeito do campo desde sempre, morei anos no campo e hoje tenho a oportunidade de atender estudantes que também fazem parte desse território. Me vejo nos olhos de cada um deles e me sinto grata e ao mesmo tempo responsável em contribuir para o desenvolvimento de cada um de maneira integral, respeitando seus costumes, cultura e modos de ser e viver.

Essas coordenações se fazem muito importantes, pois além de promover uma formação principalmente no quesito da “Educação do Campo”, nos levam a refletir de fato sobre o quão importante é valorizar a vida no Campo e se sentir parte desse processo de construção de uma sociedade mais justa e igualitária. (COELHO, 2023, escrita espontânea realizada para esta pesquisa)

A autora tece o texto 7 em prosa, direcionando-o de forma segura e indicativa de pertencimento para a interação com o grupo, já que o marca com sinais de reprodução da oralidade no contexto de mensagens escritas informais. O texto é introduzido pela reverência à ancestralidade e declaração de autorreconhecimento da autora como sujeito em construção e afetado pelo que sente, pela forma que percebe o ambiente de que faz parte e pelas pessoas com quais convive e desenvolve interações pautadas práticas de fruição do cotidiano. É estabelecida uma relação entre o trabalho docente e a realidade vivenciada no contexto urbano que engaja a autora em papel social de Educadora do Campo, cujo assunção e desempenho são atravessados pela identificação dela com as realidades vivenciadas pelas crianças, partilhadas no cotidiano escolar e comunitário.

As escolhas lexicais indicam intertextualidade com o Projeto Político-Pedagógico da EPNBraz, ao passo significam os caracterizadores: integral, justa e igualitária na mesma perspectiva semântica. A Coordenação Pedagógica Coletiva na EPNBraz é trazida como espaço-tempo de construção identitária à medida que o texto indica a ocorrência de reflexividade com as (trans)formações pessoais, profissionais, institucionais e contextuais que ela viabiliza por meio do fomento de processos de conscientização que abrangem os sentidos, sobretudo políticos, da Educação do Campo como modalidade de ensino, direito popular e caminho para mudanças e justiça social.

Texto 8

Autoria: Jaqueline Alves da Silva (Beija-flor), 51 anos, Professora, de João Pessoa-PB, residente em Ceilândia-DF.

Sou uma mulher jovem, bonita, que procura construir sua vida com leveza; que está sempre a esperar, mas sem perder o foco; que acredita na força interior que cada ser possui. Sou única, sou luz ainda que com muitos pontos escuros e obscuros, mas que vem valorizando cada conquista enquanto descoberta deste ser evolutivo em que me constituo dia a dia, passo a passo.

Educação do Campo é luta, é resistência, é resiliência, é identidade e, enquanto profissional da educação que atua em uma escola do campo, me construo dentro dessa perspectiva, dentro ainda e também dessa ótica, considerando a partir de inúmeras reflexões tecidas a construções coletivas.

Para mim, as coordenações coletivas são sempre fontes de aprendizado, de reflexão, das formas de construir laços, pontes, identidades, seja em relação à temática que for pautada. Dessa forma, considero que as formações trazidas no âmbito da educação do campo fomentam ainda mais a minha curiosidade e me proporciona ampliar o meu olhar sobre a educação e seus diversos campos de atuação. (SILVA, 2023, escrita espontânea realizada para esta pesquisa)

O texto 8 foi estruturado em prosa, fazendo referência de forma indireta às perguntas norteadoras sugeridas. Sua introdução aborda a autorrepresentação da autora ser em processo consciente e já legitimado de constituição como sujeito social: aprendente, interativo e mobilizador participativo de construções coletivas. Fica evidenciada uma postura propositiva, com responsabilidade social, que se ancora numa identidade pessoal consolidada, não fixa, já que são admitidas possibilidades de evolução, mas já consolidada, inclusive no sentido de reconhecimento de sua fluidez em processos intencionais ou não. A opção lexical por palavras como esperar, luta, resistência e construir materializa a intertextualidade com as Pedagogias do Oprimido, da Autonomia e da Esperança - de Paulo Freire, convergente com os pressupostos da Educação do Campo.

Ao elucidar o êxodo proposital e propositivo das vivências e interações urbanas para as rurbanas, o texto evidencia a vinculação entre sujeita e Educação do Campo por meio da consciência e curiosidade críticas, da assunção de responsabilidade social no exercício profissional, bem como da reflexividade que o cotidiano de trabalho no contexto de construção da Escola do Campo demanda. Nessa perspectiva, o texto trata da Coordenação Pedagógica Coletiva como espaço-tempo de construção identitária da Educadora do Campo a que o texto se refere por mencionar as possibilidades de reflexão, aprofundamento crítico das temáticas próprias do contexto de implementação da modalidade de ensino Educação do Campo que viabiliza (trans)formação omnilateral em processos espiralados de produção de conhecimento, individual e coletiva.

Texto 9

Autoria: Jéssica Dayane da Silva Martins - 28 anos, Professora, de João Pessoa-PB, residente em Ceilândia-DF;

Quem é você? Jéssica Dayane da Silva Martins, professora, filha, companheira, aprendiz da vida, amiga dos encontros que as jornadas me trazem, saudosa pelos momentos felizes e tranquilos, ansiosa pelas vivências inusitadas e transformadoras. O que isso tudo traduz? Não sei.

O que ou como você se vincula à Educação do Campo? Ainda em fase de conhecimento e aprendizado da modalidade, pouco pincelada na formação acadêmica, nunca antes vivenciada. Hoje atuo e aprendo na prática, junto com os outros professores, mas ainda com os alunos. Aprendo com eles sobre a terra, sobre o respeito, sobre a construção da identidade camponesa. Sobre fazer parte, sobre ser campo.

Nossas coordenações interferem na sua relação com a Educação do Campo? As coordenações são como guia, funcionam como bússola sobre o que e como preciso me orientar, buscar, reconhecer ou antes disso, conhecer. (MARTINS, 2023, escrita espontânea realizada para esta pesquisa)

O texto 9 foi estruturado em forma de entrevista, trazendo respostas ou dialogando com as questões sugeridas para norteio do pensamento, inclusive marcando novos caminhos para reflexividade, por meio de outras perguntas. Assinalando a autora no contexto com nome e sobrenome, o texto a representa primeiramente pela escolha profissional, seguida da indicação de seu lugar de fala do âmbito familiar, que proporciona segura, enraizamento, num contínuo para lugares sociais mais amplos, de experiência, assunção de risco desvelamento de consciência sobre contradições e percepção da dúvida como sinônimo de possibilidade, como caminho de construção. O texto também pontua o silenciamento das questões próprias da Educação do Campo na formação acadêmica na perspectiva de direcionamento para a imersão no contexto de construção epistemológica da EPNBraz como Escola do Campo. Nessa perspectiva, tal contexto é concebido como território afetado por e viabilizador de estabelecimentos de vínculos diversos entre sujeitos, escola e território, portanto com a Educação do Campo. Assim, é indicada a interferência da Coordenação Pedagógica Coletiva da EPNBraz na construção da autora como Educadora do Campo, quando ela define este espaço-tempo como bússola no processo coletivo de análise crítica e materialidade da práxis, que não lhe parece necessariamente linear nem fixo.

Texto 10

Autoria: Rosimeire Braga Dias (“Sonhadora” de um futuro melhor) - 56 anos, servidor público, brasileiro, residente na Q04 Sul Casa 27 - Brazlândia;

Quem é você?

Eu sou uma pessoa tímida, calada, cheia de complexo. Porém sou uma pessoa que gosta de ajudar o próximo, solidária e cheia de expectativa em relação à vida. Gostaria que todos chegassem à igualdade em todos os sentidos. Gosto de ser útil. Fico brava e triste com injustiças.

Educação do Campo traz uma clareza de como é a vida das pessoas na área rural como um todo, como elas são importantes nos nossos dias e como estão presentes e nem percebemos. E que somos pertencentes a ela.

Sim. As coordenações mudam nossas visões, pois trazem conhecimento que nos faz pensar e modificar nossas opiniões em relação a certos temas. Pois para mim Educação do Campo seria só mexer na terra. (DIAS, 2023, escrita espontânea realizada para esta pesquisa)

O texto 10 foi intitulado pela questão “Quem é você?”, o que desencadeou sua estruturação em prosa, iniciada por características comportamentais e sinalização de indignações que indicam a assunção de vulnerabilidades numa perspectiva não de fraqueza, mas de ponto de partida para (des)construções pessoais que convergem com o anseio de sobrepor as possibilidades de reunião de forças às dificuldades existentes no contexto social de atuação profissional e de território de exercício da cidadania e do serviço público - concebido como compromisso de bem servir ao outro. O texto aborda a vinculação da autora com a Educação do Campo por meio do acesso a informações e participação de discussões sobre a modalidade de ensino com vistas à compreensão da modalidade de ensino como processo inerente à vida e caminho de emancipação humana e garantia de vida digna a que todos os sujeitos têm direito.

No texto, é dada centralidade, em tom de denúncia e autocrítica, à chamada de atenção, por meio da escolha lexical, para a importância da conscientização acerca do poder deletério da dicotomia entre urbano e rural e das práticas discursivas que invisibilizam e silenciam os povos camponeses, como se o direito ao exercício pleno da cidadania não precisasse lhes alcançar da mesma forma que alcança as pessoas residentes em áreas urbanas. Dessa forma, o texto justifica a concepção do contexto da Coordenação Pedagógica Coletiva da EPNBraz como espaço-tempo de construção identitária de Educadores do Campo por abordá-la na perspectiva de viabilização da mudança de visão devido à produção de conhecimento, incentivo ao pensamento crítico e mudança de opinião. O texto é finalizado com uma frase que sinaliza a comprovação, pela autora, do processo individual de (trans)formação ocorrido ao longo da oficina de escrita, levando à descoberta de que a Educação do Campo não se trata apenas do manuseio da terra e, conseqüentemente, de que como apoio administrativo atuante na EPNBraz, ela também é uma Educadora do Campo em construção.

Texto 11

Autoria: Orlando Pereira dos Santos (Terroso) - 56 anos, Professor, de Santa Clara d'Oeste-SP- Brasil, residente na Q36 E12 Brazlândia-DF.

No momento, sou um vivente do presente a lembrar de alguns passados importantes que fizeram construir um tempo com outros vários lugares. Sou um pouco do campo e da cidade da lavoura, da lida operária com indicação para uma intelectualidade.

Minha ligação com a Educação do Campo vem desde que me entendo como gente ao nascer no meio de uma plantação de algodão, onde meus pais cultivavam como meeiros com o dono da terra. Minha vivência como trabalhador boia-fria trago para o chão da escola na discussão e prática com os estudantes. Mirins que como eu que laborava na terra, hoje moram e ajudam os seus pais na lida na terra e na produção de alimentos.

As nossas coordenações interferem e corroboram muito com a minha relação com o campo, com o povo do campo. Nossos encontros são muito ricos e trazem informações e conhecimentos que não me completam sobre o assunto, mas vem me construindo a cada fala, a cada contribuição, seja de colegas da própria escola ou em outros encontros como o dia da Educação do Campo que a gente participa. (SANTOS, 2023, escrita espontânea realizada para esta pesquisa)

Organizado em prosa poética, o texto 11 atravessou o norte intencionado pela sugestão das questões sugeridas para reflexão e alcançou outras linhas em horizontes de interpretação. Representando o autor como sujeito constituído em processos interativos localizados e concatenados no contínuo passado-presente, o texto faz referência à intercomplementaridade dos territórios e modos de vida camponês e urbana em sua (trans)formação omnilateral. Faz parte dessa omnilateralidade a conscientização acerca do dever cidadão e direito à assunção intelectualidade também nos espaços da sociedade marcados historicamente pelo silenciamento e restrição de acesso à caminhos de emancipação humana. A vinculação do autor com a Educação do Campo materializada pelo suas memórias do convívio familiar no trabalho de cultivo da terra, sem direito de possuí-la, subordinado a diferentes formas de opressão. Fica a concepção do trabalho como matriz formativa de essência popular de suma importância para a integração dos princípios e visão da Educação do Campo à forma escolar.

A escolha do léxico que retoma palavras de outrora como: laborava e lida e evidencia os termos comuns ao contexto de trabalho camponês como: meeiros e boia-fria, legitimam a memória como arcabouço de sustentação discursiva e vinculação do sujeito-autor com a Educação do Campo de cuja construção ele tem participado. Com indicação de sentimento de pertença em trechos como: “nossas conversas”, o texto evidencia a concepção da Coordenação Pedagógica Coletiva, tanto desenvolvida dentro da EPNBraz quanto em encontros com outras instituições como no Dia do Campo, como espaço-tempo de construção identitária de Educadores do Campo, por viabilizar a compreensão das vinculações deles com o território camponês e com a Educação do Campo e produção coletiva e ininterrupta de

conhecimento, por meio das interações mediadas pelo uso da língua, envolvendo turnos de fala propositiva e escuta atenta.

Texto 12

Autoria: Amaury Barbosa Amorim (Amorim), 35 anos, Professor, de Goiânia-GO, residente em Brasília.

Eu sou Amaury, filho de dona Iraci e Seu Amado, professor de Artes, goiano que atualmente mora em Brazlândia. Sou uma pessoa bem tranquila e muito família, gosto de ficar em casa nos dias frios, gosto de natureza e da cor verde. Sou muito água correndo em um riacho, me enchendo pelos caminhos. Sou professor da EPNBraz, escola que tem em sua particularidade atuar com educação ambiental e educação do campo. Atendemos alunos que são e que pertencem ao campo, e nessa relação de ensino também aprendo bastante, a cada dia uma nova descoberta, um novo saber, seja em uma conversa ou em uma formação ou leitura. A escola também é lugar de novas descobertas, até para quem ensina sempre há algo novo a se aprender. As coordenações são essenciais para novas descobertas e aprendizados e são fundamentais para entender as necessidades e para trocas de saberes entre a equipe pedagógica, e sempre são ricas e repletas de informações novas. Quando existe o sentimento de pertencimento digo que há raízes que te tornam pertencentes ao espaço de estudo e de fala. O campo de pesquisa e de estudo torna-se parte do cotidiano e tudo fica mais fácil e com mais bonitezas. (AMORIM, 2023, escrita espontânea realizada para esta pesquisa)

O texto 12 foi tecido em prosa, representando o autor a partir de sua ancestralidade, profissão, origem e naturalidade, território que o recebeu para exercício da cidadania e características comportamentais e preferências indicativas de valores familiares, modos de interação com o meio ambiente de que faz parte e personalidade. Por meio da metáfora da água, o autor se reconhece incompleto e em movimento ensinante e aprendente, sinalizando sentir-se vinculado à EPNBraz por seu trabalho com a Educação Ambiental e, por meio dela, com a Educação do Campo. Ao mencionar que são possíveis descobertas nas relações estabelecidas no âmbito no cotidiano escolar, o autor se vale do léxico para sinalizar a correlação entre a construção identitária do Educador do Campo com a construção coletiva da Escola do Campo.

Nesse sentido, é possível apreender do texto a concepção da Coordenação Pedagógica Coletiva como espaço-tempo dessa construção identitária, pela oportunização de trocas de saberes entre colegas, discussão das contradições e dificuldades, acesso a informações significativas e fomento do sentimento de pertencimento ao grupo e ao contexto de implementação da Educação do Campo, que é qualificado como potencializador e

naturalização de pesquisas, estudos coletivos na perspectiva de formação profissional e humana, para transformação social. Recorrendo a uma escolha lexical muito específica e à dialogicidade com as significações freireanas, o autor concebe as bonitezas como possibilidades posturais diante e dentro dos processos de construção identitária alinhavados à Educação do Campo.

Texto 13

Autoria: Ledilson de Araújo Pinto (Menino do campo/ Pé de serra) - 51 anos, servente; de Brasília-DF, residente no Residencial Ouro Verde.

Sou uma pessoa amiga, companheira, sou muito família, gosto de estar junto às pessoas, fazer sempre amizade. Não gosto e odeio pessoas mentirosas, creio em um Deus ressurreto, espero deixar um legado bom para minha geração.

Eu me percebo na Educação do Campo. Meu estilo de vida, pois vivi a minha infância e adolescência no campo, plantando e cultivando a terra, sentindo o cheiro de terra molhada, vendo as plantações nascerem e crescer e logo vindo a florescer e dando seu fruto e eu presente, apreciando dos sabores dos frutos sem nenhum agrotóxico. Eu me relaciono muito bem com a Educação do Campo, aprendo a cultivar mais as plantações e o manuseio dos produtos e valorizo tudo o que veio para as nossas mesas, para a nossa alimentação. (PINTO, 2023, escrita espontânea realizada para esta pesquisa)

O texto 13 foi estruturado em prosa, sem referência direta às questões propostas como possibilidade de norteio da escrita. Em sua introdução, a autorrepresentação do autor se desenrola com indicação de constância de posturas, práticas sociais e reações às ações que desqualifica o outro em sua visão de mundo. Conforme o texto, a transposição de suas posturas para a condição de legado que contribua com a formação subjetiva de outras pessoas se ancora também no desenvolvimento de sua religiosidade. Ledilson rememora seus tempos de menino do campo para legitimar seus vínculos com a Educação do Campo. Ele traça uma linha do tempo, entrelaçando as vivências camponesas de trabalho e apreciação dos fenômenos e dos elementos da natureza com as fases de sua vida desde a infância. Ao escolher inserir a palavra agrotóxicos para o texto, o autor indica posicionamento de preocupação com as consequências dos modos de produção agrícola em larga escala, pelo distanciamento da agricultura de subsistência e familiar cujas técnicas ele domina e sabe que não acarretam danos à saúde das pessoas. Ao explicar a relação do autor com a Educação do Campo, a concepção da modalidade de ensino se dá com foco no desenvolvimento de habilidades para manuseio da terra e cultivo de alimentos.

Texto 14

Autoria: Jenyfer Soares de Sousa Rodrigues (Menina Sonhadora) - 28 anos, servente, mãe, esposa, dona de casa, de Brasília-DF, residente na Chapadinha (área rural de Brazlândia).

Sou um pouco da cidade, com o pezinho na roça, nascida e criada em Brazlândia, portais maravilhosos que sempre deram seu melhor para me criar, acolhendo minha família, ao que farei de tudo para que eles tenham uma vida tão feliz quanto a minha, não só em casa, mas também no local de trabalho, que, diga-se de passagem, o meu é extraordinário, onde todos nos tornamos educadores, e desde o “bom dia” até um “tchau, tia” no momento em que os pequenos vão para suas casas, nos fazendo sentir muito importantes, nos tornando assim parte da educação deles na EPNBraz. Na primeira vez em que eu participei do “Dia do Campo”, escutei a frase que diz que a EPNBraz é lugar de gente feliz, e hoje, eu posso dizer com toda certeza do mundo que esta é a frase mais verdadeira, mais valorosa e mais construtiva que já escutei. E nas coordenações que tive o privilégio de participar, me sinto mais parte dessa grande família. (RODRIGUES, 2023, escrita espontânea realizada para esta pesquisa)

O texto 14 foi estrutura em prosa, num bloco fluido em concatenação de ideias e denso em complexidade de sentidos. Jenyfer desenha textualmente seu autorretrato desde o pré-texto, se definindo profissionalmente como: servente, mãe, esposa e dona de casa, o que enfatiza sua consciência crítica quanto a multiplicidade de papéis sociais que desempenha e que demandam dela conhecimentos, esforços e afetos diferenciados, direcionados para diferentes relações com sujeitos também diferentes. Portanto se identifica como sujeita omnilateral que reconhece com amorosidade sua ancestralidade como referência para interferir na formação de sua prole, de forma a direcioná-los para uma vida feliz nos diferentes ambientes em que circularem, assim como menciona sentir-se.

Algumas escolhas lexicais na construção do texto saltam aos olhos. Por exemplo, quando é utilizada a expressão “com o pezinho na roça”, ela é trazida para um campo semântico diferente do que comumente é utilizado na comunicação de massa, usando-o para qualificar sua vinculação com a Educação do Campo ao invés de impregnar os modos camponeses de vida de tom pejorativo. A autora se posiciona com encantamento em relação à oportunidade que têm de participar diretamente da práxis, se posicionar quanto a ela, se reconhecer e ser reconhecida também como educadora na EPNBraz, já que ela desempenha formalmente uma função de suporte e organização do ambiente escolar para que sejam realizadas as atividades cotidianas. O Dia do Campo também é mencionado no texto como Coordenação Pedagógica Coletiva e nossos encontros são concebidos como espaço-tempo de construção identitária, ao passo que a auxilia significação da afirmação de que a EPNBraz,

Escola do Campo, é lugar de gente feliz. O texto apresenta a coordenação como oportunidade de se tornar pertencente ao contexto de implementação da Educação do Campo como modalidade de ensino e caminho de (trans)formação das pessoas e de suas vidas.

Texto 15

Autoria: Dayane Cristina Marques Santos Alves (Fênix) - 39 anos, Analista em PPGE, de Brasília-DF, residente em Águas Lindas de Goiás-GO.

Eu sou uma pessoa família, cheia de sonhos e objetivos, que luta para alcançar seus ideais. Sou companheira e estou sempre disposta a aprender com o outro. Gosto de sair da rotina imposta pela sociedade.

Educação do Campo - Um conhecimento novo, cheio de descobertas de tudo que eu acredito sobre uma educação de qualidade.

Do dia que eu iniciei nesta nova fase da minha vida até hoje, eu compreendi o significado e importância deste tema. Percebi que o que eu acredito na educação está muito vinculado à proposta da escola e espero aprender muito com essa equipe. (ALVES, 2023, escrita espontânea realizada para esta pesquisa)

O texto 15 foi estruturado em prosa, de forma objetiva. A autorrepresentação da autora é constituída por aspectos comportamentais que colocam em evidência posturas cujos processos de significação são influenciados por objetivos pessoais e propositividade. Ao mencionar sua satisfação em sair da rotina imposta pela sociedade, a autora sinaliza que se reconhece com uma identidade pessoal construída a partir da diferença. Dessa forma, pontua sua integração à equipe da EPNBraz como fato marcante de sua trajetória profissional e demonstra simpatia pelo que já havia percebido em relação à unidade escolar como Escola do Campo em construção. Reconhecendo-se em processo de análise do contexto e adaptação à rotina e ao Projeto Político-Pedagógico institucional, a autora se declara disposta a conhecer a Educação do Campo pelas lentes e práxis no âmbito da EPNBraz. Validando o pensamento de que a Coordenação Pedagógica Coletiva pode interferir na relação dos profissionais da educação com a educação de forma geral, o texto direciona para a validação desse espaço tempo como viabilizador de construção identitária de Educadoras e Educadores do Campo, já que reforça sua crença na Educação na perspectiva defendida pelo seu novo grupo de trabalho e declara ter expectativas de participação na construção de conhecimentos relacionados à modalidade de ensino em questão.

Texto 16

Autoria: Marisa Santos Lima (Cerralinda) - 33 anos, Professora, de Mara Rosa-GO, residente no Incra 08.

Sou a Marisa Lima, que ama música, mas trabalha na escola com arte visual. Amo viajar e conhecer lugares. Tenho sonhos a serem realizados. Vivo em um lugar tranquilo, pequeno e pacato. Me agrada estar com a família e com os amigos. Sou uma mãe razoável, mas que busca a cada dia dar o seu melhor. Não gosto de rotinas, mas preciso me adaptar a elas.

Exerço a educação do campo quando consigo mostrar aos estudantes que onde eles vivem possui o mesmo potencial que outros lugares considerados melhores. Que o campo possui suas diferenças, e que essas diferenças contribuem para a evolução da sociedade.

As coordenações me apresentaram uma educação do campo que eu não conhecia. Hoje percebo a importância dessa educação para o desenvolvimento dos educandos. Esse conhecimento vem interferindo nos planejamentos de aula, nas abordagens com os alunos e na forma de crescimento profissional. As coordenações compartilhadas me fazem ver que mesmo sendo escolas do campo cada uma possui sua particularidade, e que essas diferenças reforçam a importância de lutas pela valorização e permanência da educação do campo. (LIMA, 2023, escrita espontânea realizada para esta pesquisa)

O texto 16 é a última peça do *corpus*. Ele foi organizado em prosa e representa a autora, de pseudônimo enraizado nas belezas do cerrado, por meio de suas paixões declaradas, de sua reverência às possibilidades e seus modos de vida. Marisa evidencia que seus empenhos são norteados por seus sonhos e valorização das coisas simples, porém é consciente de sua incompletude como ser humano e em seus papéis sociais essenciais: mãe, professora, familiar e amiga e sinaliza desenvolver interações e práticas sociais de forma estratégica e consciente, aproveitando as possibilidades de empenhar esforços no avanço na direção da realização de seus sonhos e também na adaptação para qualificação da vida conforme as possibilidades de cada momento. Ao fazer a opção lexical pelo verbo exercer na construção: “Exerço a educação do campo”, Cerralinda se reconhece como Educadora do Campo sendo construída pelo exercício da profissão docente com educandos de quem se aproxima pela identificação pessoal com as características ambientais de seus territórios de origem. O texto evidencia a negação consciente da dicotomia urbano-rural pela autora. Esse olhar empático a aproxima das causas e princípios da Educação do Campo, a concebendo como força centrada na diferença. Portanto, caminho de reconhecimento identitário para desvelamento de condições de emancipação humana.

Nessa perspectiva, o texto direciona para a concepção da Coordenação Pedagógica como espaço-tempo de construção identitária da Educadora do Campo ao passo que a aborda como oportunidade de acesso e construção de conhecimentos imbricados na Educação do Campo como estratégia de aprimoramento da práxis para atendimento qualificado dos estudantes em suas especificidades educacionais demandadas por territorialidades e práticas sociais. Ao mencionar que as coordenações compartilhadas, em que a equipe da EPNBraz se reúne com as equipes das escolas de origem, viabilizam a percepção de diferenças entre elas, o texto dialoga com o pensamento de que a construção identitária se materializa a partir da diferença. Imersa no contexto de implementação da Educação do Campo como modalidade de ensino, a autora usa seu texto para assunção de agência em favor da manutenção da Escola do Campo no Campo, como forma de preservar e valorizar as culturas camponesas e o que elas proporcionam aos sujeitos em termos de qualidade de vida.

Concluído o feliz e instigante estudo sociolinguístico-discursivo, ainda que ele tenha sido introdutório, experiencial e ancorado em poucas das tantas macrocategorias e microcategorias possíveis, torna-se possível registrar percepções amplas em que a EPNBraz é um sujeito coletivo que se escreve pelas mãos de sua equipe. Na observação do *corpus* como um todo, ficam evidenciadas a heterogeneidade e a originalidade dos textos. Ao mesmo tempo, se confirma a ausência de pureza e de singularidade neles. Isso porque a reunião desses textos para formação do *corpus* deste trabalho se constitui num *continuum* de práticas teórico-discursivas que vão se concatenando, referenciados uns nos outros. Nessa referenciação vão se alinhavando sentidos que reverberam na criação de outros sentidos para outros textos. Pelas análises textuais é possível perceber como a vinculação de silêncios sinaliza a submissão a práticas de opressão. Também é possível reconhecer contradições, restrições e que quando essas questões são trazidas para o contexto de reflexão crítica, há o direcionamento dos sujeitos para possibilidades de conscientização acerca de construções discursivas que se propagam por meio do texto. Esse *continuum* de práticas teórico-discursivas se constitui, então, em processos de interdiscursividade, intertextualidade e dialogicidade. (MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017)

Registrei os textos e os estudei na mesma ordem que os recebi das mãos de meus colegas ao final do (a)colhimento de suas escritas de si. À medida que fui construindo o processo e desenvolvendo as análises dos textos, muito reflexiva e emocionada, me reconhecendo em memórias e causas nas escritas, as compartilhei com cada colega do grupo pesquisado(r), explicando que estava planejando inserir o texto daquela forma, por

considerá-los também como autores da pesquisa e pedindo, por favor, que avaliassem o que estava sendo elencado e se a análise o representava. Juliana, Mirelle, Alan, Mirian, Graciany, Lucas, Dayane, Jaqueline, Jéssica, Rosimeire, Orlando, Amaury, Ledilson, Jenyfer, Dayane Cristina e Marisa afirmaram se sentir representados e representadas e autorizaram a inserção de suas escritas de si neste trabalho. Como se tratam de sujeitos de criticidade latente e reivindicadores conscientes de suas vezes de fala e direito de discordância, que muito me ensina, diariamente, senti-me encorajada em minha função social como Educadora do Campo (em construção) que, como diz a canção: “sou uma, mas não sou só”¹⁷.

¹⁷ Trecho da canção Povoada, de Sued Nunes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dIFzUVxAb8c>. Acesso em: 28 de maio de 2023.

5 CONSIDERAÇÕES PARA CONTINUIDADE DA ESPIRAL

A Educação do Campo do DF existe e resiste. Ela é uma modalidade de ensino autorizada a existir. Efetivá-la nos territórios camponeses de Brazlândia, porém, depende da assunção dela como categoria de análise, na pulsação do cotidiano da escola com o território de que faz parte. Sujeitos que tiveram várias gerações de suas famílias tecendo a vida por meio do trabalho na e da terra, sem nunca poder possuí-la, se organizaram e se colocaram, de peito nu, na frente de todos os riscos, para transgredir os padrões sociais e políticos hegemônicos e serem reconhecidos como sujeitos de direitos, dotados de voz e em busca de vez. Quando se coloca, na forma de seus sujeitos constituintes - profissionais, estudantes e comunidade -, em processo de reconhecimento identitário, a Escola do Campo começa a ser construída. A Educação do Campo do Distrito Federal: pública, de essência progressista e com intencionalidade declarada, vem aparecendo na fala dos profissionais das Unidades Escolares reconhecidas como Escolas do Campo em virtude da Portaria SEEDF nº 419/2018 nos últimos anos. À medida que os princípios dessa Educação ganham espaço também no discurso desses profissionais, eles fazem uma travessia para a condição de Educadores do Campo, também em construção, sobretudo identitária.

O diálogo sistematizado aqui a partir do caso da EPNBraz se deu como atendimento a demandas de formação acadêmica e cumpre com a proposta iniciar um movimento espiralado de produção coletiva de conhecimento, expansão e aprofundamento da conscientização acerca da Coordenação Pedagógica Coletiva como espaço-tempo de construção identitária de Educadoras e Educadores do Campo, como confirma a análise das escritas de si cujo (a)colhimento ocorreu nesse contexto e processo de pesquisa (auto)etnográfica: participativo, interacional, engajado, orientado por uma ideologia progressista, permeado de consciência crítica, propositividade, afeto e sentimento de pertencimento, numa relação de dialogicidade com contradições sociais, políticas, econômicas e educacionais, com vistas à intervenção para transformação social. Em diferentes medidas, refletindo sobre os princípios da Educação Básica do Campo do DF, os componentes do grupo pesquisado(r) se reconhecem como agentes de transformação social legitimados pelo Estado e por suas próprias escolhas profissionais, em termos de função e local de trabalho.

A confirmação de que o uso do espaço-tempo da Coordenação Pedagógica para investimento em (trans)formação dos sujeitos responsáveis por organizar a práxis e a epistemologia da práxis no cotidiano tem sido valorizado como fator de contribuição para

nossa construção identitária como Educadores do Campo. Isso nos insere e/ou estimula a prosseguir consciente, criticamente e irrevogavelmente no processo institucionalizado, contínuo e constante de mudança da forma escolar para efetivação da Educação do Campo como modalidade de ensino nas Escolas do Campo do Distrito Federal.

A identidade camponesa coletiva que a EPNBraz reconheceu ao longo de sua existência é fator relevante para a manutenção das condições de contribuição para a construção identitária de seus sujeitos, pois a permanência e engajamento deles se dá por meio do sentimento de pertencimento e vinculação pessoal, reconhecida nas interações cotidianas: circulares, humanizadoras, dialógicas, participativas criativas, afetuosas, embasadas e, sobretudo, sérias. É por meio dessas interações, viabilizadas pelo uso da linguagem e/ou das linguagens que nos dedicamos a saber-nos. Juntos desenvolvemos processos de compreensão do que há debaixo dos calos que se formam material e simbolicamente em nossas mãos, enquanto trabalhamos em defesa da Educação do Campo como direito do povo e dever do Estado e para consolidá-la nos Campos do território brazlandense.

Nesse sentido, ficou evidenciado que interfaces políticas e ontológicas da Educação do Campo com a Sociolinguística Interacional e a ADC, perpassam as construções semântico-discursivas evidenciadas pela escrita espontânea. As escolhas lexicais para constituição de sentidos dos enunciados nas escritas de si desvelam minha desconfiança acadêmica de que a palavra bagunça a ordem da vida, porque a força dela não vem somente da velocidade com que ela se direciona para o impacto com a cognoscência do humano, nem somente do tom da voz que a pronuncia ou escreve. A força da palavra vem da profundidade que ela alcança dentro da gente. Assim, como nesta pesquisa coletiva, podemos (re)pensar e (re)criar formas de usar a palavra para barrar o poder deletério do discurso neoliberal impregnado a punho na Educação Pública. E devemos fazê-lo. Este trabalho é um passo a mais numa trajetória de transformação social por meio da emancipação humana iniciada por quem enraizou a EPNBraz e nela os princípios da Educação antes de nós. Parece uma boa estratégia seguir nesse movimento espiralado de construção de conhecimento e interferência no contexto social. E que venham mais e mais gentes para este movimento de esperançar. O que queremos? Que os sentidos da Educação do Campo ocupem todos os espaços que a vida em sociedade puder desenhar, à revelia das posturas e pensamento hegemônico neoliberal que visa anular possibilidades de emancipação humana e mobilidade social. Então, dirão que chegamos no absurdo, pois teremos ocupado espaços que, dentro de uma lógica colonizadora, não foram pensados para nós.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Currículo, território em disputa**. 5ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 374 p.

BAGNO, Marcos. **Nada na linguística é por acaso: por uma pedagogia de variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. Tradução de Stella Maris Bortoni-Ricardo e Maria do Rosário Rocha Caxangá. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CALDART, Roseli Salete et al. (Org.) **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: IESJV, Fiocruz, Expressão Popular, 2011.

CALDART, Roseli Salete. **Inventário da Realidade: guia metodológico para uso nas escolas do campo**. 2018.

_____. **Função social das escolas do campo e desafios educacionais do nosso tempo**. 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1zoLEeSdhOKWXGBrhvpTvuXCC2NN3kBaT/view>. Acesso em 15/04/2021.

CAMPOS, Marcio D’Oliveira. **Paulo Freire entre a boniteza do ato de amar e a boniteza do ato de educar**. In: FREIRE, Ana Maria Araújo (org.). **A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire**. São Paulo: Paz e Terra, 2021, pp. 199-236.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Diretrizes Pedagógicas da Educação Básica do Campo para a Rede Pública de Ensino do Distrito Federal**. Brasília – DF, 2019.

_____. Secretaria de Estado de Educação. **Portaria nº 419, de 20 de dezembro de 2018**. Brasília – DF.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Trad., ver. Téc e pref.: I. Magalhães. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Language and Power**. London: Longman, 1989.

FERRAREZI Jr., Celso. **Pedagogia do silenciamento**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

_____. **Semântica**. São Paulo: Parábola, 2019.

FERRAREZI Jr., Celso. BASSO, Renato. (org.) **Semântica, semânticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2021.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Semântica da Enunciação**. In: FERRAREZI Jr., Celso. BASSO, Renato. (org.) **Semântica, semânticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2021, pp. 89-104.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**, *Corps écrit*, n.º. 5: *L'autoportrait*, fevereiro de 1983.

FREGE, Gottlob. **Lógica e Filosofia da Linguagem**. Trad. Paulo Alcoforado. São Paulo: Edusp, 2ª Ed., 2009.

FREIRE, Ana Maria Araújo (org.). **A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

ILARI, Rodolfo. **Linguagem - atividades constitutiva: ideias e leituras de um aprendiz**. In: FRANCHI, Carlos (org.). **Linguagem: atividade constitutiva: teoria e poesia**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, pp. 151-181.

MACEDO, Donaldo. **Boniteza como linguagem da possibilidade e da esperança**. In: FREIRE, Ana Maria Araújo (org.). **A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire**. São Paulo: Paz e Terra, 2021, pp. 51-84

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André Ricardo; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise do discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa**. Brasília - DF: Editora Universidade Brasília, 2017.

MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI Jr. Celso. **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

MOREIRA, Jorge Henrique Lima. **Sentido nas perspectivas de Frege e de Wittgenstein**. *Entrepalavras*, Fortaleza - ano 1, v.1, n.1, p. 117-128, ago/dez 2011.

MOURA, Ana Aparecida Vieira de. **Sociolinguística e seu lugar nos letramentos acadêmicos de professores do campo**. 2015. 270 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

RESENDE, Viviane. **Análise do discurso crítica como interdisciplinar para a crítica social: uma introdução**. In: MELO, Iran Ferreira de. (Org.). **Introdução aos estudos críticos do discurso: teoria e método**. Campinas: Pontes, 2012.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RIBEIRO, Djonatan Kaic; DIAS, Juliana de Freitas. **Comunidades de mudanças: abraçando mudanças de sentir, pensar e agir em pesquisa social crítica**. In: DIAS, Juliana

de Freitas (Org.). **No espelho da linguagem: diálogos criativos e afetivos para o futuro.** 2021. 340 p.

ROSA, Simone Menezes. **Escola Parque da Natureza de Brazlândia: utopias educacionais.** 2018. 134 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Arte) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

SILVA, Maria do Socorro. **Nas trilhas da memória da materialização da escola no campo brasileiro: da Educação Rural à Escola do Campo.** In: George Leonardo Seabra Coelho e Gilberto Paulino de Araújo. (Org.). **Educação do Campo e Cidadania no Brasil Contemporâneo.** 01ed. Palmas - Tocantins: EDUFT, 2018, v. 01, p. 35-69.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 15.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOUSA, Rosineide Magalhães. **Práticas de letramento: produção textual coletiva na formação do docente do campo.** In: MOLINA, Mônica e SÁ, Laís Mourão. (Orgs.). **Licenciatura em Educação do Campo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

OLIVEIRA, Silvia Naara da Silva Pinto de. **Autoetnografias de mulheres da licenciatura em educação do campo FUP/UnB: letramentos, resistência e inclusão.** 2022. 218 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e lingüística.** Tradução Rodolfo Ilari; revisão técnica Ingedore Villaça Koch, Thaís Cristófaros Silva – São Paulo: Contexto, 2006.

VASCONCELOS, Vangela do Carmo Oliveira. **Letramentos e visão sociolinguística: o refletir e o agir na formação docente de povos do campo.** 2022. 211 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

VOGT, Carlos. **A espiral da cultura científica.** Disponível em: <https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/cultura/cultura01.shtml>. Acesso em: 20/02/2023.

APÊNDICE A - MATERIAL DIDÁTICO COMPARTILHADO COM OS AVALIADORES, PARTICÍPES DE PESQUISA E CONVIDADOS PARA ACOMPANHAMENTO DA APRESENTAÇÃO DO TRABALHO À BANCA EXAMINADORA



FACULDADE UnB PLANALTINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEIO AMBIENTE
E DESENVOLVIMENTO RURAL (PPG-MADER)
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso

CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS E EDUCAÇÃO DO CAMPO NO
ESPAÇO-TEMPO DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA COLETIVA
NA ESCOLA PARQUE DA NATUREZA DE BRAZLÂNDIA

Edinéia Alves Cruz

Banca Examinadora:
Prof. Dr. Felipe Canova Gonçalves (FUP-UnB) – Orientador
Prof. Dr. Rafael Litvin Villas Bôas (FUP-UnB)
Prof.^a Dra. Rosineide Magalhães de Sousa (PPGL-UnB/FUP-UnB)

Brazlândia - DF
05 de julho de 2023



Sejam bem-vindos à nossa conversa sobre

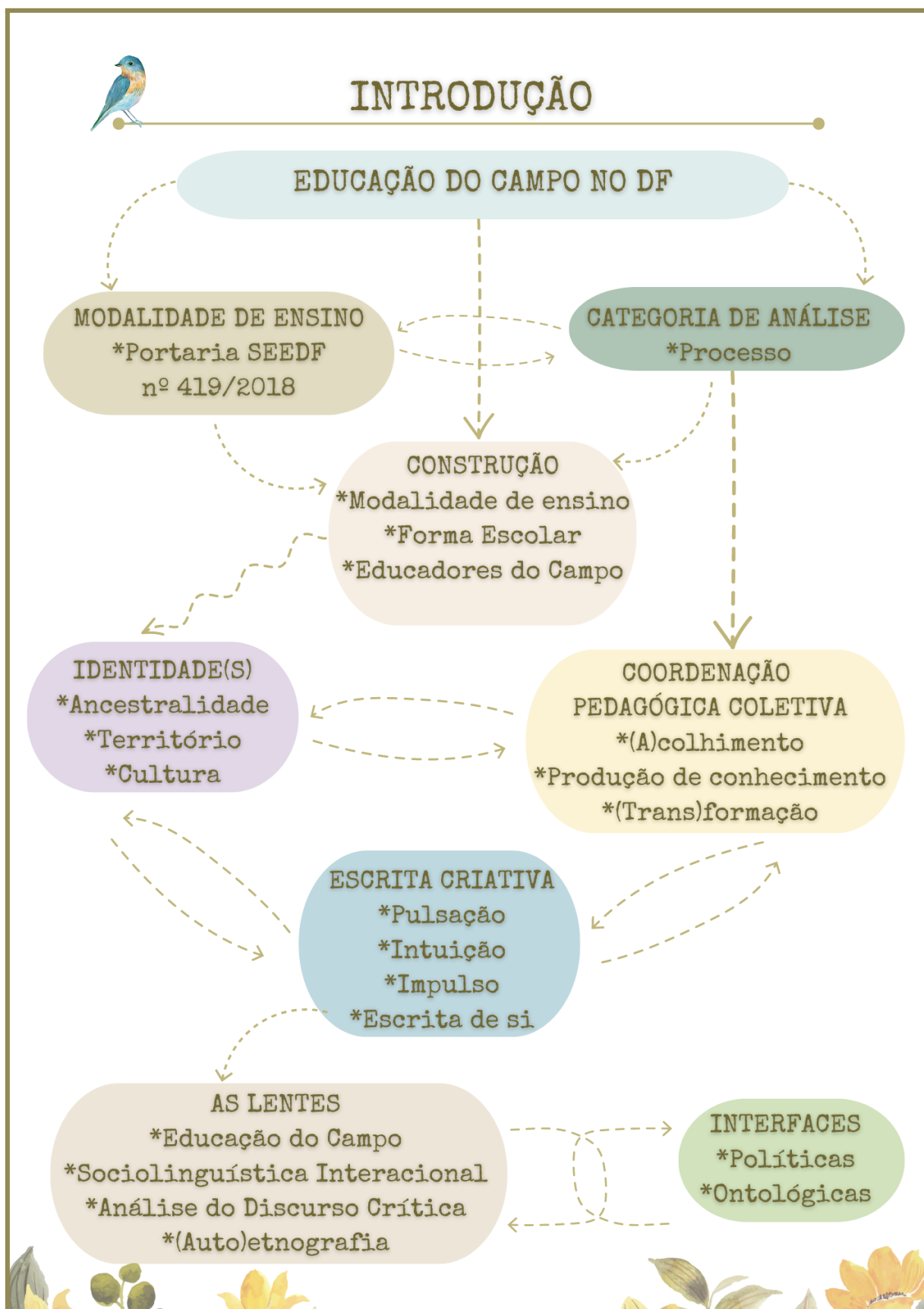
CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS E EDUCAÇÃO DO CAMPO NO ESPAÇO-TEMPO DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA COLETIVA NA ESCOLA PARQUE DA NATUREZA DE BRAZLÂNDIA


RESUMO

Esta pesquisa qualitativa de cunho (auto)etnográfico crítico intenciona dialogar sobre a Coordenação Pedagógica Coletiva na Escola Parque da Natureza de Brazlândia - EPNBraz como espaço-tempo de construção identitária de Educadores do Campo, no contexto de implementação da Educação do Campo, instituída pela Portaria da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal nº 419/18. Constituído por meio de uma oficina de escrita criativa que abordou, com os sujeitos que constituem e dinamizam o campo de pesquisa, as relações entre construção identitária, pressupostos e princípios da Educação do Campo e possibilidades (trans)formativas da Coordenação, o corpus foi analisado com foco nos aspectos discursivos marcados pelo léxico e pelos processos de significações para construção de sentido, visto que os diálogos foram propostos nas interfaces política e ontológica da Educação do Campo, com a Sociolinguística Interacional e a Análise do Discurso Crítica, com fundamentação teórica em ARROYO, 2013; BAGNO, 2007; BORTONIRICARDO, 2004/2011; CALDART, 2011/2018/2020; FREIRE, 2000/2005; FAIRCLOUGH, 2001; FOUCAULT, 1983; MOLLICA e FERRAREZI Jr., 2016; SILVA, 2018; SILVA, HALL e WOODWARD, 2014; SPIVAK, 2010; e SOUSA, 2011, entre outros.

Palavras-chave: Coordenação Pedagógica Coletiva. Construção identitária. Educação do Campo.







A base da pirâmide, não de repente,
nem de qualquer jeito, se movimenta.

Educação DO Campo é
para o povo: direito.
Para o Estado: dever.

Com, no, por e para territórios camponeses
se constroem, a muitas mãos, mentes e coragens:
a Educação do Campo,
a Escola do Campo
e a Educadora e o Educador do Campo.

A semente está na história de vida
de quem se percebe sujeito camponês.

Ao sujeito que na escola atua,
a Coordenação Pedagógica é terra arada,
berço-convite para sua identidade germinar.

Remetente: Edineia Alves Cruz
Endereço: Coração da Escola do Campo



SOBRE OS CAMPOS

Territórios e lugar de pesquisa
do cotidiano e das relações




Território brazlandense:
encontro de territórios
camponeses



EPNBraz:
Escola do Campo





Cotidiano que tilinta inquietações,
verte-se em campo de pesquisa.
Brazlândia é mais do que o contado por aí.
Brazlândia é gente que nela está desde sempre.
Brazlândia é gente que chega.
Brazlândia é gente que a marca quando passa.
Brazlândia é território tecido em interações,
faladas, sentidas, vistas, ouvidas, silenciadas.

Brazlândia é território em que pulsa
o urbano, o rurbarano e o camponês.
Há sobreposições?

O que diz o discurso escondido
nas entrelinhas da fala de quem tem
o direito a vez de mostrar a voz?

A EPNBraz se faz na escutatória do não dito.
Tem por missão fazer ranhuras no óbvio costumeiro.
É lugar de educação integral dos sujeitos.
É Escola do Campo em construção.

*Remetente Edineia Alves Cruz
Endereço Coração da Escola do Campo*



EDUCAÇÃO DO CAMPO: considerações para enquadre da pesquisa

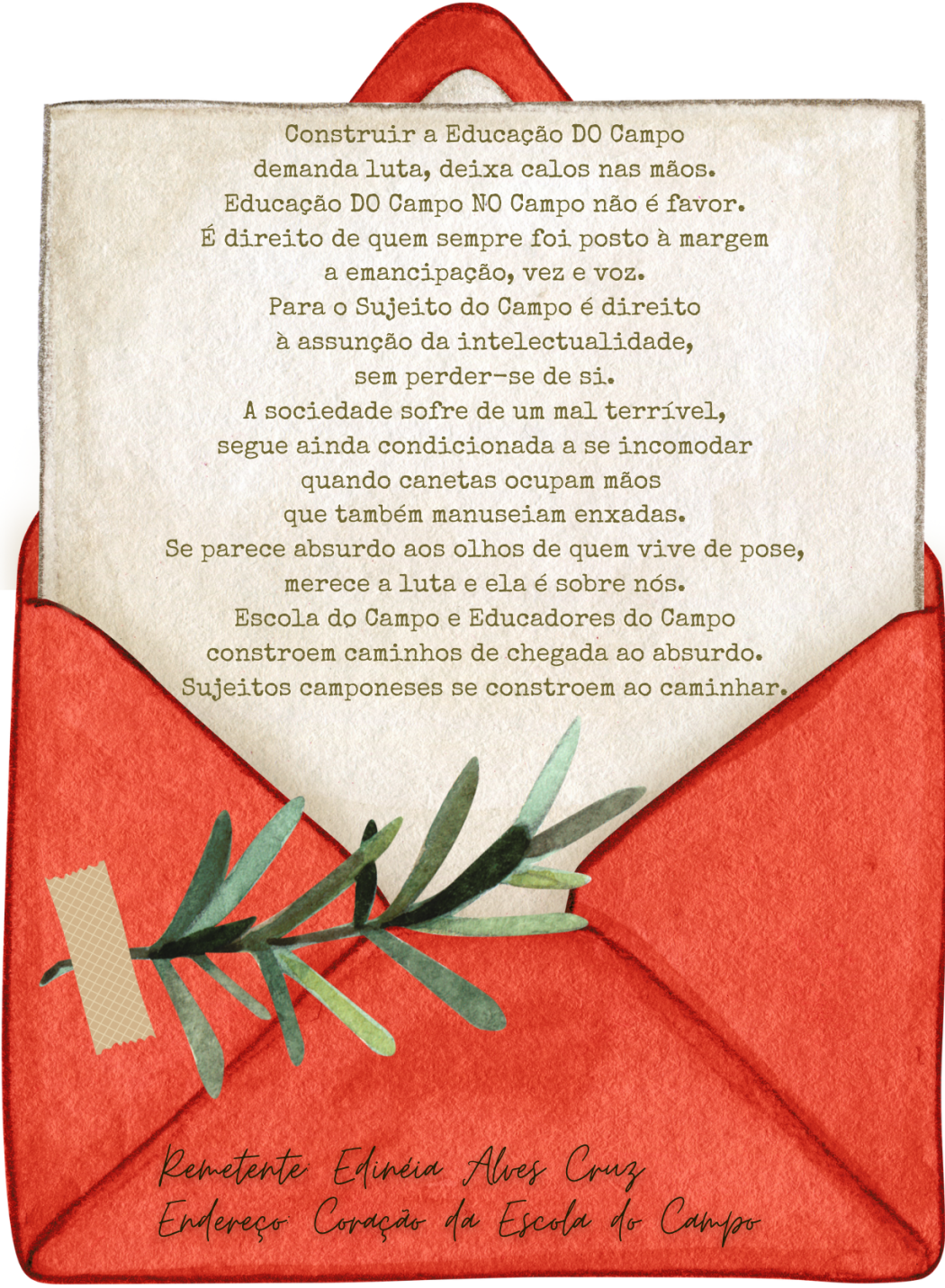
Contexto Nacional

Contexto Distrital

Contexto Brazlandense

Contexto da EPNBraz





Construir a Educação DO Campo
demanda luta, deixa calos nas mãos.
Educação DO Campo NO Campo não é favor.
É direito de quem sempre foi posto à margem
a emancipação, vez e voz.
Para o Sujeito do Campo é direito
à assunção da intelectualidade,
sem perder-se de si.
A sociedade sofre de um mal terrível,
segue ainda condicionada a se incomodar
quando canetas ocupam mãos
que também manuseiam enxadas.
Se parece absurdo aos olhos de quem vive de pose,
merece a luta e ela é sobre nós.
Escola do Campo e Educadores do Campo
constroem caminhos de chegada ao absurdo.
Sujeitos camponeses se constroem ao caminhar.

*Remetente Edineia Alves Cruz
Endereço Coração da Escola do Campo*



COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA: espaço-tempo de construção identitária

Sobre identidade(s)

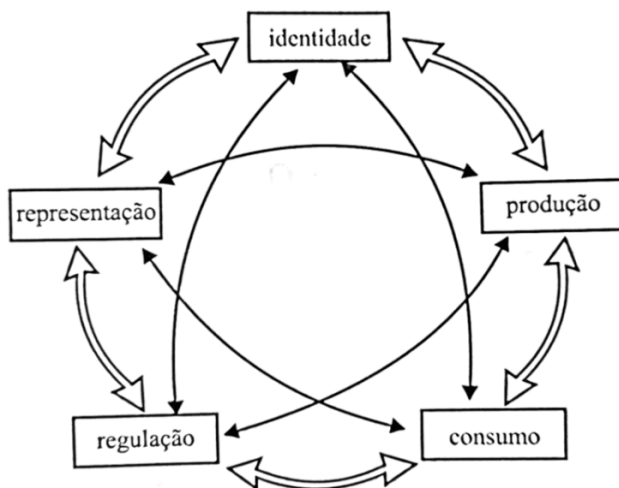


Figura 1 - O circuito de cultura, segundo Paul du Gay et al. (1997) apud Woodward (2014).

Sobre (trans)formações

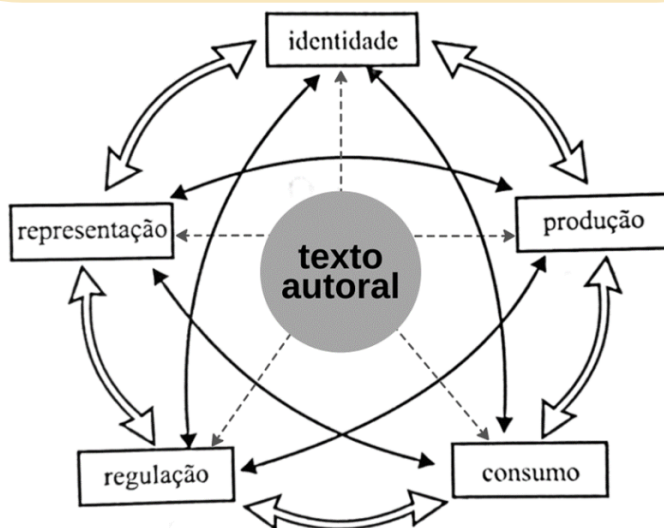


Figura 2 - O circuito de cultura, segundo Paul du Gay et al. (1997) apud Woodward (2014), centrado no texto autoral - modificação realizada pela autora deste trabalho.




COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA:
espaço-tempo de construção identitária

(A) colhimento de escritas de si
na Coordenação Pedagógica
Coletiva da EPNBraz

Construção do Corpus:
oficina de escrita criativa

Análise do Corpus





Obrigação, como institui a legislação.
Informação, como rege a obediência.
Formação, como diz o senso ético.
Produção de conhecimento, como contam as possibilidades.
Pertencimento, como convidam as humanidades.
Construção identitária, como sentem os sujeitos.
Transformação, como apontam as intencionalidades.
Coordenação Pedagógica: tear da Educação do Campo.

*Remetente Edineia Alves Cruz
Endereço Coração da Escola do Campo*



CONSIDERAÇÕES PARA CONTINUIDADE DA ESPIRAL

É boniteza vivida não estarmos prontos.
Na práxis nos tornamos o que podemos ser
em cada lugar, em cada tempo, com nossos pares.
Tecemos travessias a tantas revelias...
Saber e saber-nos são processos espiralados.
Experienciamos funduras e expansões,
porque interagimos, nos vinculados, pertencemos.
Ao nos escrevermos, desenhamos outros giros
para o mundo que se movimenta dentro da gente
e, ao mesmo tempo, nos carrega em seu movimento.
Bem fazendo uso do espaço-tempo
da Coordenação Pedagógica e das linguagens
alcançaremos o absurdo de transpormos
as margens em que nos fincaram.



*Remetente: Edineia Alves Cruz
Endereço: Coração da Escola do Campo*



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. Currículo, território em disputa. 5ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 374 p.

BAGNO, Marcos. Nada na linguística é por acaso: por uma pedagogia de variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. Tradução de Stella Maris Bortoni-Ricardo e Maria do Rosário Rocha Caxangá. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CALDART, Roseli Salete et al. (Org.) Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro: IESJV, Fiocruz, Expressão Popular, 2011.

CALDART, Roseli Salete. Inventário da Realidade: guia metodológico para uso nas escolas do campo. 2018.

CALDART, Roseli Salete. Função social das escolas do campo e desafios educacionais do nosso tempo. 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/lzoLEeSdhOKWXGBrhvPTvuXCC2NN3kBaT/view>. Acesso em 15/04/2021.

CAMPOS, Marcio D'Olne. Paulo Freire entre a boniteza do ato de amar e a boniteza do ato de educar. In: FREIRE, Ana Maria Araújo (org.). A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 2021, pp. 199-236.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Diretrizes Pedagógicas da Educação Básica do Campo para a Rede Pública de Ensino do Distrito Federal. Brasília - DF, 2019.

DISTRITO FEDERAL.. Secretaria de Estado de Educação. Portaria nº 419, de 20 de dezembro de 2018. Brasília - DF.

FAIRCLOUGH, N. Discurso e mudança social. Trad., ver. Téc e pref.: I. Magalhães. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 2001.

FAIRCLOUGH, N. Language and Power. London: Longman, 1989.

FERRAREZI Jr., Celso. Pedagogia do silenciamento. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

FERRAREZI Jr., Celso. Semântica. São Paulo: Parábola, 2019.

FERRAREZI Jr., Celso. BASSO, Renato. (org.) Semântica, semânticas: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2021.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FLORES, Valdir do Nascimento. Semântica da Enunciação. In: FERRAREZI Jr., Celso. BASSO, Renato. (org.) Semântica, semânticas: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2021, pp. 89-104.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si, Corps écrit, nº. 5: L'autoportrait, fevereiro de 1983. FREGE, Gottlob. Lógica e Filosofia da Linguagem. Trad. Paulo Alcoforado. São Paulo: Edusp, 2ª Ed., 2009.

FREIRE, Ana Maria Araújo (org.). A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da tolerância. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

ILARI, Rodolfo. Linguagem - atividades constitutiva: ideias e leituras de um aprendiz. In: FRANCHI, Carlos (org.). Linguagem: atividade constitutiva: teoria e poesia. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, pp. 151-181.

MACEDO, Donaldo. Boniteza como linguagem da possibilidade e da esperança. In: FREIRE, Ana Maria Araújo (org.). A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 2021, pp. 51-84

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André Ricardo; RESENDE, Viviane de Melo. Análise do discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa. Brasília - DF: Editora Universidade Brasília, 2017.

MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI Jr. Celso. Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

MOREIRA, Jorge Henrique Lima. Sentido nas perspectivas de Frege e de Wittgenstein. Entrepalavras, Fortaleza - ano 1, v.1, n.1, p. 117-128, ago/dez 2011.

MOURA, Ana Aparecida Vieira de. Sociolinguística e seu lugar nos letramentos acadêmicos de professores do campo. 2015. 270 f., il. Tese (Doutorado em Linguística)— Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

RESENDE, Viviane. Análise do discurso crítica como interdisciplinar para a crítica social: uma introdução. In: MELO, Iran Ferreira de. (Org.). Introdução aos estudos críticos do discurso: teoria e método. Campinas: Pontes, 2012.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. Análise de discurso crítica. São Paulo: Contexto, 2006.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RIBEIRO, Djonatan Kaic; DIAS, Juliana de Freitas. Comunidades de mudanças: abraçando mudanças de sentir, pensar e agir em pesquisa social crítica. In: DIAS, Juliana de Freitas (Org.). No espelho da linguagem: diálogos criativos e afetivos para o futuro. 2021. 340 p.

ROSA, Simone Menezes. Escola Parque da Natureza de Brazlândia: utopias educacionais. 2018. 134 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Arte)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

SILVA, Maria do Socorro. Nas trilhas da memória da materialização da escola no campo brasileiro: da Educação Rural à Escola do Campo. In: George Leonardo Seabra Coelho e Gilberto Paulino de Araújo. (Org.). Educação do Campo e Cidadania no Brasil Contemporâneo. Oled. Palmas - Tocantins: EDUFT, 2018, v. 01, p. 35-69.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 15.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOUSA, Rosineide Magalhães. Práticas de letramento: produção textual coletiva na formação do docente do campo. In: MOLINA, Mônica e SÁ, Laís Mourão. (Orgs.). Licenciatura em Educação do Campo. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar?. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

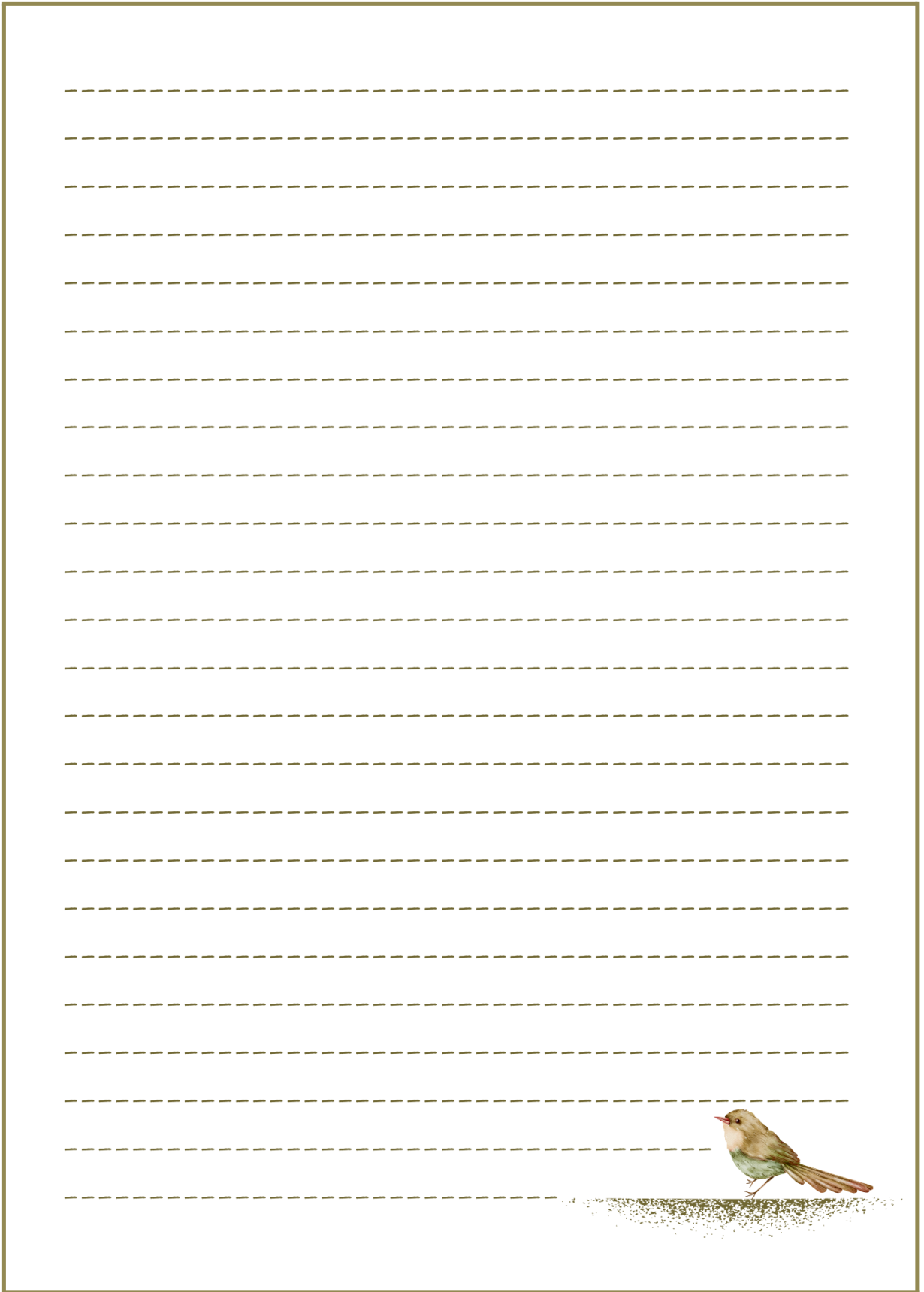
OLIVEIRA, Sílvia Naara da Silva Pinto de. Autoetnografias de mulheres da licenciatura em educação do campo FUP/UnB: letramentos, resistência e inclusão. 2022. 218 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

TRASK, R. L. Dicionário de linguagem e lingüística. Tradução Rodolfo Ilari; revisão técnica Ingedore Villaça Koch, Thaís Cristófaros Silva - São Paulo: Contexto, 2006.

VASCONCELOS, Vangela do Carmo Oliveira. Letramentos e visão sociolinguística: o refletir e o agir na formação docente de povos do campo. 2022. 211 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

VOGT, Carlos. A espiral da cultura científica. Disponível em: <https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/cultura/cultura01.shtml>. Acesso em: 20/05/2023.





ANEXO A: CORPUS DA PESQUISA

NOME COMPLETO E POSSÍVEL PSEUDÔNIMO	PERFIL DECLARADO	TEMPESTADE DE PALAVRAS	TEXTO AUTORAL
Juliana Azevedo Santos - Aprendiz	Idade: 41 anos; Profissão: Professora; Naturalidade: Rio de Janeiro; Onde mora: Águas Claras - DF	Reflexão, Conscientização, verdade, Humanidade, Conhecimento, Autoconhecimento, Ética, Pesquisa, espiral.	<p>Quem é você? Sou uma mulher negra, brasileira, filha de lutadores, irmã de um pai de família, sensível, aprendiz da profissão, música, grata a Deus.</p> <p>O que ou como você se vincula à Educação do Campo? Na conscientização por meio das reuniões pedagógicas, observando o comportamento dos alunos (maneiras e habilidades deles).</p> <p>Nossas Coordenações Pedagógicas Coletivas interferem na sua relação com a Educação do Campo? 100% sim! Por isso que é muito importante os estudos e debates/conversas que fazemos nas coordenações (e fora também...).</p>
Mirelle Pereira do Nascimento - Caliandra	Idade: 31 anos; Profissão: Professora de Educação Física; Naturalidade: Brasília-DF; Onde mora: Brazlândia-DF;	boniteza, feiura, Educação, Princípios, Direito, Classe, Escrita, Movimento, Coletivo, Identidade, Propriedade, Transformações, Campo, construção,	<p>Quem é você? Mirelle Pereira Nascimento, filha de Marineth Pereira Nascimento e Alberto Carlos Mendes do Nascimento, caçula de seis irmãs, cria de Samambaia-DF e cria da escola pública. Sou a soma de experiências vividas, algumas apropriadas, outras descartadas. Sou esperança e desespero. Sou resistência e cansaço. Sou caos e clareza. Sou dor, mas sou conforto. Sou memórias, que me lapidaram e me ensinaram a enxergar o que eu sou, o que quero ser. Sou gratidão, sou espontânea, sou ansiosa, sou perfeccionista, sou sonhadora, sou linda!</p> <p>O que ou como você se vincula à Educação do Campo? Que pergunta difícil de ser respondida! Ainda tenho aprendido a fazer parte, a ser sensível, a ser campo, a compreender, conhecer, reconhecer, analisar e</p>

		Brazlândia.	<p>perceber a minha e a realidade de nossos alunos.</p> <p>Nossas Coordenações Pedagógicas Coletivas interferem na sua relação com a Educação do Campo?</p> <p>A Educação do Campo sempre foi um tema distante da minha formação acadêmica até chegar à EPNBraz, em 2019. Uma escola que é e se reconhece como Escola do Campo. As coordenações são um espaço integrador e norteador de conhecimentos sobre princípios, dificuldades que permeiam a Educação do Campo.</p>
Alan Ribeiro - Ribeiro	Idade: 38 anos; Profissão: Professor; Naturalidade: Brasília-DF; Onde mora: Brasília-DF;	Boniteza, Campo, Educação, direito, luta, laços, chegantes, Terra, lago, feitura, transporte, afeto, afetar, princípios, mudanças, casa, escola.	<p>Sou uma pessoa que trabalha com afinco e afim de fazer sempre o melhor que posso, sou uma pessoa que ama estar em família, entre amigos e fazer coisas que aquecem o coração, não necessariamente boa ou má pessoa, mas alguém que apesar de tudo ainda acredita que em algum momento tudo valerá a pena e de alguma maneira vidas podem ter sido melhoradas, histórias estão sendo modificadas pelo simples fato de estarmos vivendo momentos juntos.</p> <p>A Educação do Campo entrou na minha vida muito antes de eu entender o que era Educação do Campo, vindo de um pai camponês, que para mim era só quem amava o mato e o meio rural, convivendo com aquela realidade percebo hoje que muito além de ensinar “o campo”, devíamos beber do campo e trocar com o mesmo. Educação do Campo é oportunidade, educação do campo é reconhecimento, educação do campo é entender as diferenças.</p> <p>Muito além do sentido das coordenações como parte do ato obrigatório do trabalho, compartilhar com pessoas mais próximas ou mais distantes da realidade do campo, além de influenciar, mudaram e continuam mudando minhas perspectivas e me dão esperança de que a Educação do Campo passará a ser enxergada e respeitada como algo natural, onde a luta para que ela aconteça vire apenas uma história a ser repassada para as futuras gerações.</p>
Mirian Dias Rodrigues - Mira	Idade: 43 anos; Profissão: Professora; Naturalidade: Almas-TO;	Boniteza, Feitura, Educação do Campo	<p>Sou uma soma de meus antecedentes, onde me diferencio na boniteza, e dando graças a não ser formada no meio de tanta feitura. Olhando para essa transformação agradeço a oportunidade que todos</p>

	Onde mora: Brazlândia-DF ;	e seus princípios, (Trans)formação,	<p>me deram para essa formação, e que ainda está em processo.</p> <p>Meu vínculo com a educação do campo vem de berço. Nasci e cresci em meio camponês, então conviver com esses povos e cultura de perto me fazer enxergar de perto a necessidade que têm de uma educação melhor e igualitária.</p> <p>Quando saí do meio do campo, ocupando outros espaços na sociedade, afastando cotidianamente da cultura camponesa e sendo hoje professora EPNBraz, vivenciando com povos (alunos) do campo voltou-me o olhar para educação do campo. Tendo as coordenações como ajuda para reflexões, faz ver e enxergar, ou reviver o que esta comunidade campesina necessita enquanto educação para transformação.</p>
Graciany Marcelle dos Reis Sabino - Kings	Idade: 26 anos; Profissão: Professora; Naturalidade: Brasília-DF; Onde mora: Brazlândia - Vila São José;	Boniteza, feiura, território, MST, agronegócio, campo, educação.	<p>Sou natural de Brasília, nascida e criada em Brazlândia. Uma mistura que é resultado de onde nasci, das pessoas que vieram antes de mim e das que me rodeiam e onde estive. Várias questões me atravessam quando tento responder a essa pergunta (Quem é você?), pois ainda não estou “pronta” e acredito que estarei sempre em construção e quem eu sou está em constante movimento.</p> <p>A educação do campo me rodeia principalmente por conta do meu vínculo emocional e social com o território em que nasci, que é rodeado pela população campesina. Hoje minha maior ligação com a educação do campo se dá na EPNBraz, vivenciando diariamente seus princípios.</p> <p>As coordenações me aproximam ainda mais dos princípios da educação do campo, me trazendo diversas perspectivas desse movimento social, cultural, político e econômico que muitas vezes vivenciamos na prática e não conhecemos seus conceitos.</p>
Lucas de Souza Amador - Pescador de Vivências.	Idade: 29 anos; Profissão: Professor, músico; Naturalidade: Brazlândia-DF; Onde mora: Águas Lindas de Goiás - GO;	Moradores do campo, produção das pessoas simples, identidade.	<p>Quem é você?</p> <p>Sou rastros, caminhos, fruto de meu pai e minha mãe, mas também sou árvores, casa, estrada, feito por mim mesmo. E livro, carta, pois a cada dia escrevo e reescrevo a minha história, também sou músico, pois a cada batida do meu coração ou a cada suspiro,</p>

			ponho melodia no mundo. E sou professor, que ensino e aprendo com meus alunos que vivem um contexto de Educação do Campo, no qual eles têm a sua identidade e os seus costumes, alunos fortes, felizes e ao mesmo tempo mostram mesmo que por entrelinhas cargas de tristeza e sofrimento. Por isso, sou gente, pois preciso, para tentar compreender essas vivências, já que a educação do campo me encantou e hoje eu a vivo! O dia a dia da Escola Parque me ajuda a entender todo esse peso, já que historicamente o campo é rejeitado pelo que as pessoas têm a oferecer e só é entendido como uma fonte de extração e de lucros. Mas quando entendemos tudo que há além, aprendemos mais com nossos alunos do que eles com a gente. Essa troca nenhum dinheiro pode pagar, já que prefiro o aluno com calos e tristeza no olhar o “importante” com o sorriso vazio...
Dayane de Oliveira Coelho - Caçador de Sonhos	Idade: 35 anos; Profissão: Professora; Naturalidade: Brasília - Brazlândia; Onde mora: Brazlândia;	Boniteza, Campo, Educação, Modo de feiúra, Luta, Direito, Dicotomia, Sujeito, Coletivo, Construção, Identidade.	<p>Eu sou o retrato ou também um produto de tudo e todos que vieram antes de mim. Um sujeito em construção que ama a vida, as coisas simples e que também gosta de gente. De sorrir, divertir, brincar e outras cositas a mais. KKKK.</p> <p>Amo minha família, meu trabalho e esses dois lados caminham juntos e é o que me fortalece dia após dia. Me percebo sujeito do campo desde sempre, morei anos no campo e hoje tenho a oportunidade de atender estudantes que também fazem parte desse território. Me vejo nos olhos de cada um deles e me sinto grata e ao mesmo tempo responsável em contribuir para o desenvolvimento de cada um de maneira integral, respeitando seus costumes, cultura e modos de ser e viver.</p> <p>Essas coordenações se fazem muito importantes, pois além de promover uma formação principalmente no quesito da “Educação do Campo”, nos levam a refletir de fato sobre o quão importante é valorizar a vida no Campo e se sentir parte desse processo de construção de uma sociedade mais justa e igualitária.</p>
Jaqueline Alves da Silva - Beija-flor	Idade: 51 anos; Profissão: Professora; Naturalidade: João Pessoa-PB;	Ética, Consciência política,	<p>Quem é você?</p> <p>Sou uma mulher jovem, bonita, que procura construir sua vida</p>

	Onde mora: Ceilândia-DF;	Identidade, Respeito, Luta, Resiliência	<p>com leveza; que está sempre a esperar, mas sem perder o foco; que acredita na força interior que cada ser possui. Sou única, sou luz ainda que com muitos pontos escuros e obscuros, mas que vem valorizando cada conquista enquanto descoberta deste ser evolutivo em que me constituo dia a dia, passo a passo.</p> <p>Educação do Campo é luta, é resistência, é resiliência, é identidade e, enquanto profissional da educação que atua em uma escola do campo, me construo dentro dessa perspectiva, dentro ainda e também dessa ótica, considerando a partir de inúmeras reflexões tecidas a construções coletivas.</p> <p>Para mim, as coordenações coletivas são sempre fontes de aprendizado, de reflexão, das formas de construir laços, pontes, identidades, seja em relação à temática que for pautada. Dessa forma, considero que as formações trazidas no âmbito da educação do campo fomentam ainda mais a minha curiosidade e me proporciona ampliar o meu olhar sobre a educação e seus diversos campos de atuação.</p>
Jéssica Dayane da Silva Martins -	Idade: 28 anos; Profissão: Professora; Naturalidade: João Pessoa-PB; Onde mora: Ceilândia-DF;	Identidades, Vida e legitimidade camponesa, educação como direito, barreiras de classe, espaço de educação popular, princípios, reconhecimento e respeito de diferentes organizações, liberdade de de construção	<p>Quem é você? Jéssica Dayane da Silva Martins, professora, filha, companheira, aprendiz da vida, amiga dos encontros que as jornadas me trazem, saudosa pelos momentos felizes e tranquilos, ansiosa pelas vivências inusitadas e transformadoras. O que isso tudo traduz? Não sei.</p> <p>O que ou como você se vincula à Educação do Campo? Ainda em fase de conhecimento e aprendizado da modalidade, pouco pincelada na formação acadêmica, nunca antes vivenciada. Hoje atuo e aprendo na prática, junto com os outros professores, mas ainda com os alunos. Aprendo com eles sobre a terra, sobre o respeito, sobre a construção da identidade camponesa. Sobre fazer parte, sobre ser campo.</p> <p>Nossas coordenações interferem na sua relação com a Educação do Campo? As coordenações são como guia, funcionam como bússola sobre o que e como preciso me orientar, buscar, reconhecer ou antes disso, conhecer.</p>

<p>Rosimeire Braga Dias - “Sonhadora” de um futuro melhor</p>	<p>Idade: 56 anos; Profissão: servidor público; Naturalidade: brasiliense; Onde mora: Q04 Sul Casa 27 - Brazlândia;</p>	<p>Boniteza, Feiura, Sem Terra, Escola, Campo, Educação, Junção, Igualdade.</p>	<p>Quem é você?</p> <p>Eu sou uma pessoa tímida, calada, cheia de complexo. Porém sou uma pessoa que gosta de ajudar o próximo, solidária e cheia de expectativa em relação à vida. Gostaria que todos chegassem à igualdade em todos os sentidos. Gosto de ser útil. Fico brava e triste com injustiças.</p> <p>Educação do Campo traz uma clareza de como é a vida das pessoas na área rural como um todo, como elas são importantes nos nossos dias e como estão presentes e nem percebemos. E que somos pertencentes a ela.</p> <p>Sim. As coordenações mudam nossas visões, pois trazem conhecimento que nos faz pensar e modificar nossas opiniões em relação a certos temas. Pois para mim Educação do Campo seria só mexer na terra.</p>
<p>Orlando Pereira dos Santos - Terroso.</p>	<p>Idade: 56 anos; Profissão: Professor; Naturalidade: Santa Clara d'Oeste-SP- Brasil; Onde mora: Q36 E12 Brazlândia-DF;</p>	<p>calos, atrás, debaixo, identidade, diferença, coletividade, quilombos, êxodo rural, Movimento Sem Terra, ancestralidade, conhecimento, cultura, trabalho, choque, campesinos.</p>	<p>No momento, sou um vivente do presente a lembrar de alguns passados importantes que fizeram construir um tempo com outros vários lugares. Sou um pouco do campo e da cidade da lavoura, da lida operária com indicação para uma intelectualidade.</p> <p>Minha ligação com a Educação do Campo vem desde que me entendo como gente ao nascer no meio de uma plantação de algodão, onde meus pais cultivavam como meeiros com o dono da terra. Minha vivências como trabalhador boia-fria trago para o chão da escola na discussão e prática com os estudantes. Mirins que como eu que laborava na terra, hoje moram e ajudam os seus pais na lida na terra e na produção de alimentos.</p> <p>As nossas coordenações interferem e corroboram muito com a minha relação com o campo, com o povo do campo. Nossos encontros são muito ricos e trazem informações e conhecimentos que não me completam sobre o assunto, mas vem me construindo a cada fala, a cada contribuição, seja de colegas da própria escola ou em outros encontros como o dia da Educação do Campo que a gente participa.</p>
<p>Amaury Barbosa</p>	<p>Idade: 35 anos;</p>	<p>Educação,</p>	<p>Eu sou Amaury, filho de dona Iraci e Seu Amado, professor de</p>

Amorim - Amorim	Profissão: Professor; Naturalidade: Goiânia-GO; Onde mora: Brasília;	Bonitezas, Campo, Sociedade, Direitos, Crítica Social, Calos nas mãos.	Artes, goiano que atualmente mora em Brazlândia. Sou uma pessoa bem tranquila e muito família, gosto de ficar em casa nos dias frios, gosto de natureza e da cor verde. Sou muito água correndo em um riacho, me enchendo pelos caminhos. Sou professor da EPNBraz, escola que tem em sua particularidade atuar com educação ambiental e educação do campo. Atendemos alunos que são e que pertencem ao campo, e nessa relação de ensino também aprendo bastante, a cada dia uma nova descoberta, um novo saber, seja em uma conversa ou em uma formação ou leitura. A escola também é lugar de novas descobertas, até para quem ensina sempre há algo novo a se aprender. As coordenações são essenciais para novas descobertas e aprendizados e são fundamentais para entender as necessidades e para trocas de saberes entre a equipe pedagógica, e sempre são ricas e repletas de informações novas. Quando existe o sentimento de pertencimento digo que há raízes que te tornam pertencentes ao espaço de estudo e de fala. O campo de pesquisa e de estudo torna-se parte do cotidiano e tudo fica mais fácil e com mais bonitezas.
Ledilson de Araújo Pinto - Menino do campo/ Pé de serra.	Idade: 51 anos; Profissão: servente; Naturalidade: Brasília-DF; Onde mora: Residencial Ouro Verde;	Igualdade, Êxodo rural, Rejeição, Críticidade, Dignidade, Princípios, Direitos, Movimento, Educação do Campo.	<p>Sou uma pessoa amiga, companheira, sou muito família, gosto de estar junto às pessoas, fazer sempre amizade. Não gosto e odeio pessoas mentirosas, creio em um Deus ressurreto, espero deixar um legado bom para minha geração.</p> <p>Eu me percebo na Educação do Campo. Meu estilo de vida, pois vivi a minha infância e adolescência no campo, plantando e cultivando a terra, sentindo o cheiro de terra molhada, vendo as plantações nascerem e crescer e logo vindo a florescer e dando seu fruto e eu presente, apreciando dos sabores dos frutos sem nenhum agrotóxico. Eu me relaciono muito bem com a Educação do Campo, aprendo a cultivar mais as plantações e o manuseio dos produtos e valorizo tudo o que veio para as nossas mesas, para a nossa alimentação.</p>
Jenyfer Soares de Sousa Rodrigues - Menina Sonhadora	Idade: 28 anos; Profissão: servente, mãe, esposa, dona de casa;	Boniteza, bom, belo,	Sou um pouco da cidade, com o pezinho na roça, nascida e criada em Brazlândia, portais maravilhosos que sempre deram seu melhor para me criar, acolhendo minha família, ao que farei de tudo

	Naturalidade: Brasília-DF; Onde mora: Chapadinha (área rural de Brazlândia);	ético, construção identitária, feitura, educação, escola do campo, princípios, missão, visão, valores, Escola Parque da Natureza de Brazlândia.	para que eles tenham uma vida tão feliz quanto a minha, não só em casa, mas também no local de trabalho, que, diga-se de passagem, o meu é extraordinário, onde todos nos tornamos educadores, e desde o “bom dia” até um “tchau, tia” no momento em que os pequenos vão para suas casas, nos fazendo sentir muito importantes, nos tornando assim parte da educação deles na EPNBraz. Na primeira vez em que eu participei do “Dia do Campo”, escutei a frase que diz que a EPNBraz é lugar de gente feliz, e hoje, eu posso dizer com toda certeza do mundo que esta é a frase mais verdadeira, mais valorosa e mais construtiva que já escutei. E nas coordenações que tive o privilégio de participar, me sinto mais parte dessa grande família.
Dayane Cristina Marques Santos Alves - Fênix	Idade: 39 anos; Profissão: Analista em PPGE; Naturalidade: Brasília-DF; Onde mora: Águas Lindas de Goiás-GO;	Conhecimento, Significado, Cultura, Coletividade, Construção, Aprendizado, Contribuição.	<p>Eu sou uma pessoa família, cheia de sonhos e objetivos, que luta para alcançar seus ideais. Sou companheira e estou sempre disposta a aprender com o outro. Gosto de sair da rotina imposta pela sociedade.</p> <p>Educação do Campo - Um conhecimento novo, cheio de descobertas de tudo que eu acredito sobre uma educação de qualidade.</p> <p>Do dia que eu iniciei nesta nova fase da minha vida até hoje, eu compreendi o significado e importância deste tema. Percebi que o que eu acredito na educação está muito vinculado à proposta da escola e espero aprender muito com essa equipe.</p>
Marisa Santos Lima - Cerralinda	Idade: 33 anos; Profissão: Professora; Naturalidade: Mara Rosa-GO; Onde mora: Incra 08;	Boniteza, Escola do Campo, Diversidade, Resiliência, Persistência, Voz ativa.	<p>Sou a Marisa Lima, que ama música, mas trabalha na escola com arte visual. Amo viajar e conhecer lugares. Tenho sonhos a serem realizados. Vivo em um lugar tranquilo, pequeno e pacato. Me agrada estar com a família e com os amigos. Sou uma mãe razoável, mas que busca a cada dia dar o seu melhor. Não gosto de rotinas, mas preciso me adaptar a elas.</p> <p>Exerço a educação do campo quando consigo mostrar aos estudantes que onde eles vivem possui o mesmo potencial que outros lugares considerados melhores. Que o campo possui suas diferenças, e que essas diferenças contribuem para a evolução da sociedade.</p>

			<p>As coordenações me apresentaram uma educação do campo que eu não conhecia. Hoje percebo a importância dessa educação para o desenvolvimento dos educandos. Esse conhecimento vem interferindo nos planejamentos de aula, nas abordagens com os alunos e na forma de crescimento profissional. As coordenações compartilhadas me fazem ver que mesmo sendo escolas do campo cada uma possui sua particularidade, e que essas diferenças reforçam a importância de lutas pela valorização e permanência da educação do campo.</p>
--	--	--	--